

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

VANESSA ALBERTON

**ANÁLISE DA VIABILIDADE DE IMPLANTAÇÃO DE UMA “ROTA DAS
CACHOEIRAS” ENTRE OS MUNICÍPIOS DE IRATI, PRUDENTÓPOLIS E RIO AZUL-
PR**

IRATI - PR

2013

VANESSA ALBERTON

**ANÁLISE DA VIABILIDADE DE IMPLANTAÇÃO DE UMA ROTA DAS CACHOEIRAS
ENTRE OS MUNICÍPIOS DE IRATI, PRUDENTÓPOLIS E RIO AZUL - PR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final para
obtenção do título de Bacharel em
Turismo.

Orientador: Prof. Ms. Pedro Henrique
Sanches.

IRATI - PR

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por me conceder a graça da vida e de poder desfrutar de tantas maravilhas e bênçãos durante minha existência.

À minha família, pelo apoio, pelo carinho e, simplesmente por fazerem tudo isso se tornar realidade: uma conquista para a vida toda.

Aos meus sobrinhos Nathan, Giovanna, Lucas, Gabriella e Eduardo por serem inspiração e sinônimo de vida.

Aos meus colegas que estiveram comigo nesses 4 anos de curso. Momentos de alegria, de desentendimentos, de frustrações, de euforia, de conquistas, de medos, de superação. A todos os que passaram pela nossa turma e deixaram um pouquinho de si.

Aos professores, pois sem eles nada disso seria possível. Em especial, meu orientador, professor Pedro Henrique Sanches que, com sua experiência, dedicação e profissionalismo, me conduziu para os caminhos certos.

Aos amigos que auxiliaram e colaboraram durante a elaboração desse trabalho de conclusão: Luiz Ricardo Barby, Caroline Maia Matos, Cassiano Swiech Vaz, Juliano Macedo, Cleverton Lucas Bruno, Marinice Teleginski e Thaísa Vianna. Aos demais amigos que, mesmo distantes, nunca deixaram de dar incentivo e motivação nos momentos difíceis da caminhada.

Ao meu namorado Cláudio Shigueki Suzuki, por ser o meu porto seguro, meu amigo, meu companheiro e pelas vezes que me ofereceu o ombro para chorar, mas muito mais que isso, pelos incontáveis momentos de alegria que vivemos e estamos vivendo juntos.

RESUMO

A atividade turística no meio natural tem mostrado um aumento em sua demanda na última década. Ao observar este crescimento, e levando em consideração os recursos naturais da região Centro-Sul do Paraná, pretendeu-se com este trabalho identificar as cachoeiras mais conhecidas pela população de Irati, Prudentópolis e Rio Azul, e de posse dessas informações, analisar a viabilidade técnica de ser proposta uma rota das cachoeiras, que incluía a mais conhecida de cada município e que tenha o mínimo de condições de receber o turista. Para que isso se concretizasse, foi necessária a pesquisa de campo, com aplicação de questionários a fim de obter essa informação básica e outras pertinentes à pesquisa, tais como, a frequência com que visitam, as dificuldades que percebem na hora da visita, o que pode ser feito para melhorar e ainda, são questionados se acreditam que o turismo em cachoeiras auxilia no desenvolvimento do município. As cachoeiras que serão incluídas na rota são: a Cachoeira do Itaparacá em Irati, o Salto São Francisco em Prudentópolis e a Cachoeira do Parque da Pedreira em Rio Azul.

PALAVRAS CHAVE: Rota; viabilidade; áreas naturais; cachoeiras.

ABSTRACT

Tourist activity in the natural environment has shown an increase in its demand in the last decade. By observing this growth, and taking into account the natural resources of central-south region of Paraná, the aim of this work was to identify the most famous waterfalls by the Irati, Prudentópolis and Rio Azul populations, and with this information, analyze the technical proposal of a waterfalls route, that includes the best known waterfalls of each municipality and it has the minimum conditions to receive tourists. For this purpose, it was necessary to field research with questionnaires in order to know this basic information and other relevant research, such as how often they visit, what difficulties they perceive in the time of visitation, what can be done to improve and also are asked if they believe that tourism in waterfalls assists in the development of the municipality. The waterfalls that will be included on the route are: Waterfall Itapará in Irati, the Salto São Francisco in Prudentópolis and Waterfall Park Quarry in Rio Azul.

KEY - WORDS: Route; viability; natural areas; waterfalls

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Índice do atrativo	15
QUADRO 2 – Valor intrínseco do atrativo	15
QUADRO 3 – Fator de avaliação de atrativos turísticos – acesso	17
QUADRO 4 – Fator de avaliação de atrativos turísticos – transporte	17
QUADRO 5 – Fator de avaliação de atrativos turísticos – equipamentos e serviços....	17
QUADRO 6 – Classificação dos transportes.....	34
QUADRO 7 – Classificação espacial dos roteiros.....	43
QUADRO 8 – Itens para elaboração de um roteiro	46
QUADRO 9 – Recursos Naturais do Município de Irati.....	49
QUADRO 10 – Recursos Naturais do Município de Prudentópolis	52
QUADRO 11 – Recursos Naturais do Município de Rio Azul.....	56
QUADRO 12 – Hierarquias dos recursos naturais pesquisados	95

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Questionários aplicados e o sexo dos entrevistados.....	58
TABELA 2 – Idade dos entrevistados	59
TABELA 3 – Tempo de residência no município	59
TABELA 4 – Estado marital como influência em conhecer ou não as cachoeiras	60
TABELA 5 – Quais cachoeiras a população entrevistada conhece	61
TABELA 6 – Frequência com que visitam as cachoeiras.....	61
TABELA 7 – Dificuldades os entrevistados percebem ter com a visitação	62
TABELA 8 – O que pode ser feito para melhorar as condições de utilização	63
TABELA 9 – Quem acredita que o turismo em cachoeiras auxilia no desenvolvimento do município	64
TABELA 10 – De que maneira o turismo que envolve as cachoeiras ajuda a desenvolver o município.....	64

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa de Irati e municípios limítrofes	49
FIGURA 2 – Mapa de Prudentópolis e municípios limítrofes	51
FIGURA 3 – Mapa de Rio Azul e municípios limítrofes	56
FIGURA 4 – Cachoeira do Itapará (1)	66
FIGURA 5 – Cachoeira do Itapará (2)	67
FIGURA 6 – Acesso de asfalto.....	68
FIGURA 7 – Acesso de estrada de chão.....	68
FIGURA 8 – Sanitários.....	69
FIGURA 9 – Sanitário feminino	70
FIGURA 10 – Lixeira	70
FIGURA 11 – Estrutura coberta.....	71
FIGURA 12 – Sinalização turística	71
FIGURA 13 – Salto São Francisco (1)	73
FIGURA 14 – Acesso (1).....	74
FIGURA 15 – Acesso (2).....	74
FIGURA 16 – Acesso (3).....	75
FIGURA 17 – Lanchonete	75
FIGURA 18 – Espaço de descanso.....	76
FIGURA 19 – Sanitários (1).....	76
FIGURA 20 – Sanitários (2).....	77
FIGURA 21 – Espaço infantil.....	77
FIGURA 22 – Estacionamento	78
FIGURA 23 – Sinalização (1)	78
FIGURA 24 – Sinalização (2)	79
FIGURA 25 – Sinalização (3)	79
FIGURA 26 – Sinalização (4)	80
FIGURA 27 – Sinalização no portal (1)	80
FIGURA 28 – Sinalização no portal (2)	81
FIGURA 29 – Sinalização na trilha (1)	81

FIGURA 30 – Sinalização na trilha (2)	82
FIGURA 31 – Sinalização no final da trilha	82
FIGURA 32 – Cachoeira do Parque da Pedreira.....	83
FIGURA 33 – Vista do mirante	84
FIGURA 34 – Acesso na BR 153	84
FIGURA 35 – Acesso dentro do Parque.....	85
FIGURA 36 – Acesso no mirante	86
FIGURA 37 – Escadas até a cachoeira.....	86
FIGURA 38 – Trilha ecológica	87
FIGURA 39 – Acesso à parte superior da cachoeira.....	87
FIGURA 40 – Restaurante	88
FIGURA 41 – Parque infantil	88
FIGURA 42 – Quiosque (1)	89
FIGURA 43 – Quiosque (2)	89
FIGURA 44 – Sanitários do restaurante (1).....	90
FIGURA 45 – Sanitários do restaurante (2).....	90
FIGURA 46 – Sanitários do parque (1).....	91
FIGURA 47 – Sanitários do parque (2).....	91
FIGURA 48 – Portal de entrada	92
FIGURA 49 – Sinalização no portal.....	92
FIGURA 50 – Sinalização (1)	93
FIGURA 51 – Sinalização (2)	93
FIGURA 52 – “Rota das Cachoeiras”	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	13
3 O SÉCULO XX E O CRESCIMENTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA	18
4 O TURISMO EM ÁREAS NATURAIS	21
4.1 AS ALTERAÇÕES E IMPLICAÇÕES CAUSADAS NOS ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS	23
5 CARACTERÍSTICAS DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO	27
5.1 A INFRAESTRUTURA TURÍSTICA	29
5.2 OS EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS TURÍSTICOS	31
5.3 O ACESSO PARA A PRÁTICA TURÍSTICA	32
5.4 OS MEIOS DE TRANSPORTE	33
6 PRODUTOS TURÍSTICOS E SUAS ESPECIFICIDADES	37
6.1 A VIDA ÚTIL DO PRODUTO TURÍSTICO	39
6.2 A QUALIDADE EM PRODUTOS TURÍSTICOS.....	40
6.3 ROTEIROS TURÍSTICOS	41
6.3.1 A classificação dos roteiros turísticos	42
6.3.2 A elaboração dos roteiros turísticos.....	45
7 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	48
7.1 IRATI	48
7.2 PRUDENTÓPOLIS.....	50
7.3 RIO AZUL.....	55
8 RESULTADOS	58
8.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS NOS MUNICÍPIOS DE IRATI, PRUDENTÓPOLIS E RIO AZUL	58
8.2 ANÁLISE DA VIABILIDADE TÉCNICA DE IMPLANTAÇÃO DA “ROTA”	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES.....	105
APÊNDICE A – Questionário aplicado em Irati, Prudentópolis e Rio Azul.....	106

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema as cachoeiras existentes em três dos doze municípios, segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (2011) que compõe o Território Centro Sul do Paraná e estuda a possibilidade de ser implantada uma rota interligando algumas delas, se tornando um produto turístico a ser possivelmente comercializado.

A busca por atrativos naturais, a partir de passeios proporciona um contato direto com o meio natural e são opções procuradas por um número cada vez maior de turistas, que muitas vezes, procuram apenas momentos de tranquilidade e querem observar os detalhes que as paisagens têm a oferecer. De acordo com Costa (2002), o Brasil é conhecido mundialmente por suas belezas e exotismo e seu patrimônio natural atrai demanda interna e externa.

Dentre a vasta gama de recursos disponíveis na atividade turística, as cachoeiras ocupam um lugar de realce no segmento de turismo em áreas naturais. O Território Centro Sul do Paraná, com destaque para os municípios de Irati, Prudentópolis e Rio Azul, apresentam algumas cachoeiras que podem ser inseridas no segmento, como principais recursos, por meio de rotas. Esses três municípios se caracterizam com sendo o objeto de estudo.

A implantação de uma “Rota das Cachoeiras” contribuiria para o incremento na economia local, podendo trazer benefícios para sociedade através dos investimentos públicos e privados na infraestrutura básica, bem como proporcionaria um acréscimo na renda de setores locais, como hospedagem, alimentação, transporte e artesanato.

O presente estudo se justifica pela necessidade de verificar a viabilidade técnica de implantação de uma rota interligando as cachoeiras dos municípios citados, tendo como base, a análise da infraestrutura básica que as envolve e a opinião da comunidade local.

O objetivo geral dessa pesquisa é desenvolver uma “Rota das Cachoeiras” para os turistas e para a comunidade local interligando algumas cachoeiras dos municípios de Irati, Prudentópolis e Rio Azul, identificadas por meio da opinião dos moradores dos municípios envolvidos. Os objetivos específicos consistem em: analisar a viabilidade de

implantação dessa rota; proporcionar novas oportunidades econômicas para estabelecimentos turísticos e para a comunidade local e; estimular o potencial turístico dos municípios envolvidos, principalmente no que se refere às belezas naturais.

O problema de pesquisa levantado é: A rota pretendida será viável tecnicamente, considerando a opinião da comunidade local e a infraestrutura existente nos atrativos naturais, como acesso, vias de ligação, sinalização turística, sanitários e locais para alimentação?

Diante disso, espera-se obter como resultado da pesquisa uma posição a respeito da viabilidade técnica de implantação de uma “Rota das Cachoeiras” que apresente condições básicas para receber o fluxo de turistas. Essa viabilidade diz respeito à existência de infraestrutura e condições físicas disponíveis para receber o turista, e se essas mesmas condições são suficientes, ou satisfatórias, para recebê-los.

O trabalho aqui apresentado é composto pela introdução, que traz o objetivo geral e os específicos, a justificativa e a problemática da pesquisa. No segundo capítulo é exposta a metodologia utilizada para realizar a pesquisa, como ela foi feita e que métodos foram utilizados, sendo a bibliográfica e a de campo. Na sequência será apresentada a fundamentação teórica, dividida em capítulos, da seguinte maneira: no terceiro capítulo, é abordada a atividade turística no contexto do crescimento, bem como a influência que exerce na sociedade e no mercado. No próximo capítulo, sobre o turismo em áreas naturais e as alterações que podem ser causadas no meio natural, que podem ser negativas ou positivas.

No quinto capítulo será abordado o planejamento, sua importância e os elementos que o compõe e que serão analisados nos objetos de estudo: infraestrutura, acesso, equipamentos, serviços e transportes. No capítulo seguinte é abordado sobre o produto turístico, como ele é composto e seu ciclo de vida. Também sobre os roteiros, sua classificação e elaboração. No sétimo capítulo está a caracterização do objeto de estudo, ou seja, os três municípios pesquisados, contendo informações básicas sobre eles, como dados demográficos e um panorama da situação da atividade turística em cada um deles, e no oitavo, a análise dos dados levantados com a aplicação dos questionários, obtendo informações diversas a respeito das cachoeiras, da frequência com que os entrevistados visitam e quais as dificuldades que têm quando a fazem.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido em três momentos, iniciando com a pesquisa bibliográfica onde foram consultados autores como Bahl (2003) e (2004), Beni (2003), Costa (2002), Dias (2003) e (2005), Ferretti (2002), Palhares (2002) e Ruschmann (1997) entre outros, abordando temas como turismo em áreas naturais, alterações e implicações causadas pela atividade turística, roteiros, sua classificação e elaboração, produtos e sua qualidade, seu ciclo de vida, planejamento, atrativos e recursos naturais, infraestrutura, serviços e transportes. Ainda, foram pesquisados os inventários dos três municípios e outras fontes documentais, a fim de conhecer sobre os recursos naturais existentes e demais informações acerca dos locais envolvidos na pesquisa.

Em um segundo momento foi aplicado questionários nos municípios de Irati, Prudentópolis e Rio Azul, buscando informações, com residentes que tenham idade superior a 18 anos, como o tempo que residem no município, acreditando que esse dado influencia no fato do indivíduo conhecer ou não os recursos naturais. Também foram questionados sobre o conhecimento a respeito da existência de cachoeiras no município, bem como a frequência com que visitam e uma avaliação sobre as condições que elas se encontram. As cachoeiras mais citadas receberam uma análise sobre suas condições e se seria viável incluí-las na rota.

A metodologia utilizada para determinar a amostra de cada município foi retirada da obra de Dancey e Reidy (2006), é chamada de amostra probabilística, sendo apresentada a seguir:

$$n = \frac{N}{1 + \frac{N \times d^2}{Z^2 \times p \times q}}$$

Onde:

n = número de elementos da amostra, ou seja, o tamanho da amostra.

N = número de elementos da população.

Z = valor da abscissa da curva normal associada ao nível de confiança.

d = erro tolerável da amostra em porcentagem.

p e q = proporção referente ao grau de conhecimento a respeito de atrativos.

Assim tem-se:

- Tamanho da população do município de Irati, com idade superior a 18 anos, $N= 40.406$ habitantes (IPARDES, 2013);

- Tamanho da população do município de Prudentópolis, com idade superior a 18 anos, $N=33.867$ habitantes (IPARDES, 2013);

- Tamanho da população do município de Rio Azul, com idade superior a 18 anos, $N= 9.749$ (IPARDES, 2013);

- Margem de erro $d = 10\%$;

- Nível de confiança (%) = 90% ;

- Abscissa da curva normal $Z = 1,96\%$;

- Proporção estimada (%) p e $q = 50\%$ e 50% .

A aplicação dessa fórmula com os dados populacionais, considerando apenas os residentes com idade superior a 18 anos dos três municípios pesquisados, resultou na definição que devem ser suficientes a aplicação de 68 questionários.

Por fim, foi feita uma observação direta em cada um dos recursos naturais mais citados pela população, realizada uma análise se são passíveis de se tornarem atrativos e, com o auxílio do formulário de avaliação de atrativos da SETU (SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO), foram analisados os itens: atrativos, acesso, transporte, equipamentos e serviços. Nessa avaliação, cada um desses quatro itens foi avaliado separadamente, conforme os critérios da SETU (2013):

- **Atrativos** – para serem avaliados, é necessário preencher primeiramente o quadro II e depois o quadro I, assim, se estará buscando o valor intrínseco e índice de atratividade, respectivamente, conforme modelos a seguir:

QUADRO 1 – Índice do atrativo

FATORES	A	B	C	D	E	VALOR MÉDIO	PESO	PONTO DO FATOR
ACESSO							4	
TRANSPORTE							3	
EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS							3	
VALOR INTRÍNSECO							10	
SOMA							20	
ÍNDICE DO ATRATIVO							IA=	

Fonte: Governo do Estado do Paraná (2008)

1 - Valor Médio: resultado do somatório das pontuações que o FATOR recebeu, dividido pelo número de avaliadores.

2 - Ponto do Fator: resultado do valor médio do item multiplicado pelo seu peso.

3 - Valor Intrínseco: valor obtido pela avaliação das características relevantes, calculado no quadro II.

4 - Índice do Atrativo (IA): somatório dos pontos dos fatores dividido pelo somatório dos pesos.

QUADRO 2 - Valor intrínseco do atrativo

CARACTERÍSTICAS RELEVANTES	A	B	C	D	E	VALOR MÉDIO
SOMA DO VALOR MÉDIO						
VALOR INTRÍNSECO						

Fonte: Governo do Estado do Paraná (2008)

Para realizar a avaliação do atrativo, ou dos recursos naturais em questão, são necessárias algumas fases, também mencionadas pela SETU, da seguinte maneira:

1 - Relacionar para cada atrativo as características relevantes, de acordo com a sua classificação.

2 - A pontuação para cada uma das características relevantes, independente da sua classificação, obedecerá a escala de 1 a 4 pontos.

Critério sugerido: 4: Muito interessante; 3: interessante; 2: interesse relativo; 1: pouco interesse.

3 - O valor médio de cada uma das características será obtido pelo somatório dos pontos dos avaliadores, dividido pelo número de avaliadores.

4 - O valor intrínseco do atrativo será obtido pelo somatório do valor médio de cada uma das características relevantes do atrativo, em análise, dividido pelo número total de características relevantes que integram o atrativo.

OBS: Os avaliadores deverão estabelecer um valor (de 1 a 4) para cada característica relevante do atrativo, levando em consideração as informações contidas nos formulários. No caso do atrativo não possuir a característica relevante (ausência) deverá ser atribuído 0 (zero) ponto. Para facilitar os cálculos deverão ser adotados números inteiros, obedecendo os critérios de arredondamento universal.

O critério para enquadramento dos recursos naturais, em suas respectivas hierarquias, de acordo com a sua importância turística será através do enquadramento do valor do seu índice do atrativo (IA), conforme os intervalos abaixo:

- Será considerado de Hierarquia IV aquele que obtiver nota entre 3,26 e 4,00, se caracterizando como um recurso turístico de excepcional valor e de grande significado para o mercado turístico internacional, capaz, por si só, de motivar importantes correntes de visitantes, atuais ou potenciais, tanto internacionais com nacionais.

- Para se enquadrar em uma Hierarquia de nível III, a nota deve estar entre 2,51 e 3,25, demonstrando ser um recurso turístico muito importante, em nível nacional, capaz de motivar um fluxo, atual ou potencial, de visitantes nacionais ou internacionais, por si só ou em conjunto com outros recursos ou atrativos turísticos.

- Quando obtiver nota entre 1,76 e 2,50, será considerado de Hierarquia II, pois mostra que provoca algum interesse, sendo capaz de estimular correntes turísticas regionais e locais, atual ou potencial, e de interessar visitantes nacionais e internacionais que tiverem chegado por outras motivações turísticas.

- Por fim, é de Hierarquia I aquele que for classificado com nota entre 1,00 e 1,75, sendo apenas um recurso complementar a outro de maior interesse, capaz de estimular correntes turísticas locais.

- Acesso – peso 4 – é considerado o acesso mais utilizado pelo visitante para chegar ao atrativo, independente da sua localização, podendo ser na área urbana ou na zona rural, e é pontuado da seguinte forma:

QUADRO 3 - Fator de avaliação de atrativos turísticos – acesso

RODOVIÁRIO			AÉREO/ MARÍTIMO/FLUVIAL/FERROVIÁRIO	
3 pontos	2 pontos	1 ponto	3 pontos	0 ponto
Bom	Regular	Precário	Existência	Inexistência

Fonte: Secretaria de Estado de Turismo do Paraná (2013).

- **Transporte** – peso 3 – é avaliado o transporte regular existente para o atrativo, podendo ser rodoviário, ferroviário, hidroviário e/ou aéreo, mais utilizado, com a seguinte pontuação:

QUADRO 4 - Fator de avaliação de atrativos turísticos – transporte

3 pontos	2 pontos	1 ponto	0 ponto
Bom	Regular	Precário	Não existência

Fonte: Secretaria de Estado de Turismo do Paraná (2013)

- **Equipamentos e serviços** – peso 3 – consiste em avaliar todos os equipamentos e serviços turísticos instalados no atrativo, que contribuam para sua valoração e facilitem o uso e a permanência dos visitantes no local. Deverão ser observadas as seguintes pontuações:

QUADRO 5 - Fator de avaliação de atrativos turísticos – equipamentos e serviços

VALORES A SEREM ATRIBUÍDOS AOS ATRATIVOS QUE POSSUIREM:			
3 pontos	2 pontos	1 ponto	0 ponto
- sinalização - monitor especializado/ guia local - local de alimentação - serviços de limpeza - instalações sanitárias - integrar roteiros turísticos comercializados	- sinalização - serviços de limpeza - instalações sanitárias - monitor especializado/ guia local	- sinalização - serviços de limpeza	- atrativo que não possuir nenhum dos serviços utilizados

Fonte: Secretaria de Estado de Turismo do Paraná (2013)

Com esses dados será possível identificar a possibilidade de ser praticada a atividade turística, tendo ou não as condições básicas necessárias para o desenvolvimento da mesma.

3 O SÉCULO XX E O CRESCIMENTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

A atividade turística tem se desenvolvido de maneira muito significativa, conquistando espaços e um público cada vez mais crescente e diversificado, sendo que agora não é apenas quem tem maior poder aquisitivo que desfruta de viagens, mas uma parcela expressiva da população de renda mais baixa também tem praticado turismo. Isso se deve pelo fato dessas classes, como a chamada “classe C”, terem ocupado espaço em função das facilidades que o setor econômico oferece com o parcelamento na aquisição de produtos e serviços, possibilitando o posterior pagamento de passagens aéreas e pacotes de viagens.

O crescimento da atividade turística tem sido tão grande que tem ultrapassado setores economicamente significativos como a indústria eletrônica, automobilística e a petrolífera, adquirindo o *status* de principal economia do mundo (DIAS, 2003), geradora de milhares de empregos diretos e indiretos.

O turismo está inserido no setor terciário da economia, que segundo Dias (2005), é aquele que abrange os serviços prestados ao consumidor, sendo importante para o desenvolvimento local e para a economia, afinal com suas características abrangentes, envolve diversas empresas, gerando empregos variados. Ainda, o efeito multiplicador que a atividade turística causa, diz respeito aos diversos setores que não estão diretamente ligados ao turismo, como supermercados e escolas que recebem os gastos que os turistas deixam nas redes hoteleiras, nos restaurantes, na loja de *souvenirs*, etc.

Para identificar o quanto a atividade turística irá influenciar no incremento de uma região, é necessário verificar se ela está contribuindo de forma a alcançar os objetivos propostos nos processos de desenvolvimento e, conforme for o grau de envolvimento, o turismo pode ou não ser um item fundamental para a economia, seja ela nacional, regional ou local (VASCONSELLOS e CARVALHO, 2006).

Dentre os efeitos que o turismo causa na economia de um país, Barretto (1995) comenta que os efeitos diretos são aqueles gerados com os gastos que os turistas tiveram dentro dos estabelecimentos de apoio e equipamentos que foram utilizados e os indiretos são aqueles ocasionados pelos investimentos que as empresas prestadoras de serviço tiveram com terceiros, para obter produtos adicionais a serem

oferecidos ao turista, ou seja, é um dinheiro trazido pelo turista, mas que está sendo gasto por outra pessoa.

Não é apenas o setor comercial que se beneficia com as divisas deixadas pelos turistas nas comunidades receptoras. O setor público também tem uma parcela de ganhos com a atividade turística, de modo indireto (com os impostos pagos pelas empresas privadas) e direto (com as taxas cobradas dos turistas, como vistos e taxas nas alfândegas) (BARRETTO, 1995).

O turismo em países receptores, que tem nessa atividade um fator determinante da estabilidade do seu desenvolvimento, é muito valorizado. Vasconcellos e Carvalho (2006) citam que o turismo é uma atividade que contribui para diminuir o desemprego, causa influência positiva na balança de pagamentos, é componente importante no consumo das famílias e representa um papel relevante no desenvolvimento regional.

Com as divisas geradas pela atividade turística, a economia traduz os efeitos através de desenvolvimento urbano, com os incrementos nas indústrias de transportes, hoteleiras, alimentícias e outras relacionadas com a produção de bens e serviços, aumento na demanda de mão de obra nos serviços turísticos e da indústria da construção, maior procura por produtos locais e artesanatos, aumento da entrada de divisas que irão equilibrar a balança comercial e aumenta a arrecadação de impostos e taxas (BARRETTO, 1995).

Os investimentos e formas de distribuição dos benefícios, de acordo com Vasconcellos e Carvalho (2006), dependem das ações políticas tomadas pelo governo e do comportamento do sistema econômico. Nos países mais pobres, normalmente a população com menor poder aquisitivo é menos favorecida por tais ganhos.

A atuação do poder público e de empresas privadas em território nacional gira em torno de investimentos de forma que os resultados apresentados no segmento turístico sejam positivos, e isso é comprovado através da pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo, sendo que os dados apresentam a chegada de turistas entre 2003 e 2010, que passou de 4.133 para 5.161, e a receita cambial dessas chegadas com números ainda mais expressivos, de 2.479 para 5.919. A maioria dos turistas são oriundos da América do Sul, com cerca de 46% do total de pessoas (BRASIL, 2010). As viagens de lazer, de negócios, eventos e convenções são as que aparecem na

pesquisa, considerando dados de 2004 a 2010.

São inúmeras as segmentações que a atividade turística oferece, sejam elas no meio urbano com o turismo de eventos, o religioso, de negócios, histórico-cultural, de saúde ou, no meio natural com o turismo de pesca, de sol e praia, náutico, entre tantos outros. Nos vários ramos da atividade turística o que vem apresentando destaque é o turismo em áreas naturais, que pode se caracterizar com a prática de atividades diversas, em locais variados e que apresenta algumas ramificações, conforme será abordado no item seguinte.

4 O TURISMO EM ÁREAS NATURAIS

O turismo em meio à natureza é uma das possibilidades que o turista tem para ocupar seu tempo livre, seja em momentos de lazer, descanso ou aventura. Por proporcionar contato com o meio ambiente, oferecer a chance de visualizar espécies da fauna e da flora, caminhar por trilhas, praticar atividades diversas e ainda, observar paisagens diferentes das habituais, mostrando os relevos cobertos de mata ou de plantações agrícolas, esse segmento atrai pessoas de todas as classes sociais, credos ou cores, tendo opções de custo que variam de forma a se adaptar às condições financeiras de cada um deles, permitindo que todos possam vivenciar as experiências que a natureza oferece.

A busca pela melhoria na qualidade de vida é um fator que leva os turistas a procurarem as áreas naturais e, segundo Dias (2003), nos últimos anos do século XX, as pessoas procuraram mais o ambiente natural, justamente por proporcionar momentos contrários aos vivenciados em suas rotinas e buscando satisfazer as suas necessidades mínimas que traziam tranquilidade, um ambiente saudável e o fato de estarem em contato com a natureza com vasta oferta de cores e de vida animal. É o que Ruschmann (1997, p.19) chama de “fuga das cidades” e “busca do verde”.

O turismo em áreas naturais é definido como

um segmento do turismo que utiliza o patrimônio natural e cultural, de forma sustentável, com intercâmbio sob diferentes formas entre o homem e a natureza, para promover a conservação dos recursos locais (físicos e humanos), otimizando os custos e ganhos ambientais, culturais, econômicos e sociais, orientado por planejamentos participativos (SETU, 2000, p.4).

A prática de turismo na natureza mostra dois lados bem marcantes: um diz respeito à procura por produtos compostos de recursos naturais e, em todo o mundo, isso é o que mais movimenta o fluxo de turistas. Por outro lado, o meio natural pode ser um empecilho na atividade e causar a diminuição brusca ou até cessar com a visita em um atrativo, motivados por desastres naturais, ciclones, nevascas, temporais, entre outros (DIAS, 2005).

A prática do turismo em áreas naturais traz, para a comunidade local, benefícios que são percebidos em forma de novas vias de comunicação que favoreçam o turista e

o residente, tal como linhas de telefone, internet e, com o aumento da mão de obra para suprir a necessidade de novos postos de trabalho que prestam serviços ao turista. Para o proprietário, caso opte por trabalhar com a atividade turística, estará sujeito a uma valorização da sua área natural como recurso turístico, visando uma nova fonte de renda (DIAS, 2003).

Dentre as diversas segmentações que o turismo em áreas naturais apresenta, está o turismo rural, o ecoturismo, o turismo de aventura, o turismo de pesca esportiva, o turismo ecológico e o agroturismo, que são conceituados da seguinte maneira:

I - turismo rural é a prática de atividades específicas da zona rural, como cavalgadas, alimentar o gado e ordenhar, passear de carroça, entre outras atividades que devem ser praticadas no meio natural (VELOSO, 2003). Pinto, Machado e Fratucci (2003) complementam dizendo que é necessária a interação entre as questões sociais, culturais e econômicas, ou seja, que haja uma troca de valores ou de produtos por meio do contato entre o turista e o morador local. Ainda, Dias (2005), complementa dizendo que a propriedade pode desenvolver suas atividades agrícolas normais e utilizar a prática turística como uma forma de complemento na renda;

II – ecoturismo é o deslocamento para locais protegidos pelo Estado, ou que sejam controlados de alguma forma, e defende o uso sustentável dos recursos naturais e culturais (BENI, 2003);

III - c é aquele em que o turista está consciente das emoções radicais que irá vivenciar, praticando saltos de paraquedas, descendo quedas d'água em um bote inflável, entre outras atividades (VELOSO, 2003);

IV – turismo de pesca esportiva é um ramo da atividade que tem grande potencial para se desenvolver no Brasil, considerando a quantidade de rios e lagos, além da orla marinha e da ampla diversidade de peixes existentes. (DIAS, 2005);

V – turismo ecológico é praticado em espaços naturais com o intuito de estar em contato com a natureza, observar a biota, a paisagem e seu entorno (BENI, 2003);

VI – agroturismo é feito com roteiros programados ou não, com ou sem permanência noturna no ambiente rural e motivado pela observação, vivência e participação nas atividades do campo (BENI, 2003).

Em qualquer um desses, e nos demais segmentos existentes que envolvem as

áreas naturais, é fundamental praticar a atividade com a consciência de estar agindo de forma a garantir a continuidade da atividade em determinado local, sem danificar os equipamentos disponíveis ou poluir o ambiente por onde passa, assim, será possível que outras gerações também utilizem os mesmos espaços e estes estejam em boas condições de uso.

4.1 AS ALTERAÇÕES E IMPLICAÇÕES CAUSADAS NOS ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS

Sem a existência de um atrativo, o turista não teria o que conhecer. Dessa forma, se torna um elemento fundamental para a prática da atividade e, para suprir a necessidade da demanda, é importante que também exista uma infraestrutura mínima para dar suporte ao visitante. Porém, os atrativos não são os únicos elementos existentes, embora sejam os que atraem de fato a maior parte dos turistas, temos os recursos naturais que merecem ser destacados nesse capítulo por fazerem parte do estudo em questão.

Os recursos turísticos são chamados por Barretto (1995) e Braga (2007) de a “matéria-prima” do turismo num determinado local. São os elementos de uma localidade que tem a potencialidade para tornar-se atrativo turístico, ou seja, eles passam por um processo de adaptação para se tornarem atrativos (BRAGA, 2007). Tomando como exemplo dado pela primeira autora, tem-se a praia, a montanha, a catarata. São aqueles elementos naturais que não sofreram nenhuma interferência humana, como florestas, acidentes geográficos e formações rochosas. Porém, atualmente é difícil encontrar recursos naturais que se encontrem em estado puro, pois a maior parte dos turistas procura em suas viagens, um nível de conforto que seja semelhante àquele da vida urbana.

Um bom exemplo disso são as Cataratas do Iguaçu, aonde, embora as quedas d’água estejam preservadas, o seu entorno foi todo modificado, adaptado para receber os turistas, proporcionando a eles o conforto que a urbanização traz, sem precisar entrar em trilhas para poder apreciar as belezas naturais que o parque oferece.

Ruiz e Armand (2002 *apud* DIAS, 2005), classificam os recursos turísticos em quatro grupos, a saber: recursos atuais (que já são utilizados pela atividade turística); recursos potenciais (que podem ser utilizados futuramente); recursos básicos (com a função de atrair e fazer com que a demanda permaneça no local, são considerados o suporte da atividade turística); e recursos complementares (são contrários aos básicos e contribuem para diversificar as atividades que os turistas podem realizar).

Para que se torne um atrativo, o recurso turístico precisa ser trabalhado, ser de fácil acesso, com equipamentos e instalações que possam ser utilizados e ainda, deve apresentar as informações necessárias para que haja um aproveitamento integral pelo turista (DIAS, 2005).

Portanto, o atrativo turístico é um elemento que efetivamente recebe visitantes e tem estrutura para propiciar uma experiência turística e, Braga (2007) cita como exemplo de atrativo natural, a cachoeira do Caracol, em Canela – RS, que motiva grande demanda de turistas e é um atrativo porque o acesso dos visitantes é fácil e ao mesmo tempo permite visitaçã organizada

Os atrativos turísticos são os “elementos do espaço geográfico que constituem a paisagem” (BENI, 2003, p.303) e se fundam em importantes recursos turísticos e, para Boullón (2002) são vistos como a matéria prima da atividade turística e, ao contrário do que acontece com a matéria prima industrial, devem permanecer intactos.

Há discordância nessa afirmação, pois diante de adaptações que são feitas no meio natural, com a finalidade de proporcionar condições mais adequadas na realização da prática turística, como instalação de teleféricos em determinados atrativos de difícil acesso, trilhas suspensas que evitam a compactação do solo, há a modificação desse atrativo, retirando-o da característica inicial de intacto.

Dentre a classificação dos atrativos turísticos, há uma categoria denominada de sítios naturais, que diz respeito aos elementos disponibilizados pela natureza, tais como: montanhas, planícies, costas, lagos, lagoas, rios e arroios, quedas d’água, grutas e cavernas, locais de observação de flora e fauna, locais de caça e pesca, caminhos pitorescos, termas, parques nacionais e reservas da biota (BOULLÓN, 2002).

O que acontece muitas vezes é que as condições de acesso são tão precárias que, para chegar até certos atrativos naturais, que estão em catálogos turísticos, é

necessário utilizar de métodos mais rústicos, como o uso de veículos adaptados ou até mesmo realizar longas caminhadas (BAHL, 2004a).

Quando se fala em estar em contato com o meio natural, não apenas nas atividades de turismo em áreas naturais, uma das primeiras coisas que vem à mente são os impactos negativos que a atividade causa. Os impactos são definidos como aquelas modificações que a própria natureza, ou a atividade desenvolvida pelo homem, causam no meio ambiente, que podem ser não só de cunho ambiental, mas também social, cultural ou econômica e, podem ser ocasionados em categorias que envolvem o ar, as formações rochosas, recursos minerais, fósseis, a vida selvagem, os recursos hídricos, o solo, a vegetação e a paisagem (SETU, 2000; FERRETTI, 2002).

Porém, não é apenas a atividade turística que causa danos à natureza, mas ações econômicas e sociais podem causar muito mais estragos, como por exemplo, um derramamento de óleo de um navio no mar causa mais danos para a fauna e flora do que um grupo de milhares de turistas na praia em um final de semana.

Neto (2003) lembra que não existe apenas o lado negativo dos impactos e, Ferretti (2002, p.50) fala sobre os impactos positivos, que

[..] a partir da força do interesse turístico, podem ser gerados recursos e ações efetivas para a proteção dos recursos naturais. Essas ações poderão ser efetivadas por meio de projetos e empreendimentos ecoturísticos.

Além disso, orientações voltadas para o turista, dizendo como agir no meio natural, falando da importância de dar o destino correto para o lixo, de não andar fora das trilhas e de não extrair mudas de espécies, entre outras, são passos fundamentais que devem ser dados e que diminuiriam os efeitos negativos da atividade turística no ambiente natural.

Um fator que influencia nos efeitos causados pela atividade turística no meio natural é a capacidade de carga¹ e ter o controle dela é uma ferramenta fundamental para minimizar os impactos negativos, para obter o controle do fluxo de turistas no local

¹Segundo Boo *apud* (RUSCHMANN, 1997) é o “número máximo de visitantes (por dia/mês/ano) que uma área pode suportar, antes que ocorram alterações nos meios físico e social”. Ela pode ser dividida em: Capacidade de carga ecológica (quantidade de pessoas e a frequência de visitação que uma área é capaz de absorver, mantendo equilíbrio do seu ecossistema); material (habilidade que uma superfície tem de receber turistas, variando de acordo com características geográficas, geomorfológicas e de vegetação) e; psicológica (número de pessoas suficiente de modo que todas possam conhecer e ter experiências satisfatórias). (BOULLÓN, 2000 *apud* FERRETTI, 2002, p.70).

e, conseqüentemente, prolongar o tempo de vida do atrativo, ou seja, possibilitar que seja desfrutado por um período mais longo, favorecendo as demais gerações.

O desenvolvimento turístico em áreas naturais apresenta algumas vantagens. Como mostra Ruschmann (1997), são criados planos e programas de conservação e preservação e os empreendedores investem nas medidas de preservação, são promovidas novas descobertas de regiões com potencial, bem como mais acesso para as mesmas, novas condições financeiras para implantação de equipamentos e outras medidas de preservação através da utilização da renda adquirida com ingressos e taxas arrecadadas com a atividade turística, melhor utilização dos espaços e maior importância dada ao convívio com a natureza.

Além disso, Ruschmann (1997) inclui fatores relacionados com o indivíduo, como interações culturais oriundas dos conhecimentos sobre os turistas e os costumes das populações locais, aumentando a compreensão entre os povos, revigoração através do descanso, do entretenimento e de uma rotina diferente e, outra vantagem, no aspecto econômico tem-se o aumento de renda e distribuição da mesma na comunidade receptora.

Todos esses benefícios são complementados por Dias (2005), com outros como a conservação dos animais ameaçados, pois eles muitas vezes são os atrativos; melhoramentos nos planejamentos e gerenciamentos ambientais com implantação de técnicas de diminuição da poluição, por exemplo, e; contribui para o aumento da consciência ambiental, pois com o contato direto com a natureza, as pessoas tendem a ter um comportamento mais educativo e de respeito com o meio natural.

Portanto, são várias as maneiras de desenvolver atividades no meio natural agindo de forma não degradante ou com a redução dos impactos causados, mantendo os atrativos naturais, que compõe os chamados produtos turísticos, em condições satisfatórias de utilização.

5 CARACTERÍSTICAS DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO

Para obter bons resultados em tudo o que é feito, desde um ato simples até uma grande atitude ou operação, é necessário o planejamento detalhado de cada passo que será dado, cada contato que será feito, os investimentos que serão necessários, as consequências, os prazos, etc. Em relação à atividade turística não é diferente, principalmente no meio natural, onde muitas atitudes mal pensadas e aplicadas podem causar danos irreversíveis.

O uso em excesso e desordenado dos atrativos, seja natural ou não, causa sua degradação e, por isso, conforme Ruschmann (1997), para que haja o desenvolvimento equilibrado e em harmonia com os recursos culturais, físicos e sociais das regiões receptoras, é fundamental que exista o planejamento.

Definição o que é planejamento aborda-se que é “uma atividade que envolve a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos”, tem como finalidade: definir políticas e prazos para implementação de equipamentos e serviços tanto relacionados a empresas públicas quanto às privadas; ativar o interesse nacional e internacional para investimentos no setor e na preservação ambiental, maximizando benefícios socioeconômicos e minimizando custos, agregando valor ao bem estar da população; coordenar e controlar o desenvolvimento de forma que os espaços não sejam utilizados para outros fins que não os turísticos; desenvolver etapas com detalhes cuidadosos para que não ocorram falhas (RUSCHMANN, 1997, p.85).

Ainda, fazer com que a imagem do destino esteja relacionada com proteção ambiental, minimizar a degradação e os recursos em que o turismo está estruturado, capacitar os serviços públicos para que auxiliem a atividade turística quando necessário e, por fim, integrar o turismo com outras atividades econômicas do país a fim de agregar o seu desenvolvimento aos planos econômicos e físicos do país (RUSCHMANN, 1997). Pensar o planejamento turístico, no conceito de Boiteux e Werner (2003) significa estruturar o destino para que ocorra a geração de renda, empregos, consumo e, como consequência, melhorar a qualidade de vida do município.

O planejamento deve abranger não só uma localidade ou atrativo, mas também o

seu entorno, trazendo melhorias para todos. Além disso, a responsabilidade na manutenção do meio ambiente em padrões que atendam as necessidades dos turistas e das populações locais é dos governos dos níveis locais, regionais, nacionais e internacionais, e é necessário que sejam aplicadas as políticas preexistentes, ou que novas sejam elaboradas, juntamente com planos, programas e projetos (RUSCHMANN, 1997; BARRETTO, 2005).

No âmbito internacional, segundo Ruschmann (1997) são poucas as políticas voltadas para a proteção ambiental e as que existem dizem respeito aos recursos de uso comum de dois ou mais países, como montanhas, lagos e rios; no âmbito nacional as políticas são para proteger e conservar os recursos turísticos, enfatizar os tipos de desenvolvimento turístico que geram mais rendimentos e menos impactos e empreender ações preventivas e corretivas para manter a qualidade do meio ambiente.

Em termos regionais, têm o intuito de desenvolver polos, pontos e corredores turísticos considerando os elementos econômicos, sociais, culturais e físicos da atividade, elaborar estratégias para o desenvolvimento com planos relacionados à infraestrutura, uso do solo e dos transportes, desenvolver os esportes e a recreação para a população e os turistas, conservar e administrar parques nacionais, reservas naturais e florestais, estações ecológicas, entre outras e; em termos locais utilizando os recursos locais de forma a maximizar seu uso, protegendo áreas frágeis, respeitando as características naturais e culturais da localidade, determinando as responsabilidades do setor público e o envolvimento, ou não, do setor privado (RUSCHMANN, 1997).

Um fator importante no planejamento é o prazo que determinado projeto ou ação será executada e Ruschmann (1997, p.91) diz que as localidades turísticas só serão bem sucedidas se os projetos forem executados dentro da metodologia, podendo ser de longo, médio ou curto prazo, onde o primeiro “estende-se a partir da atualidade até o final da capacidade potencial de um empreendimento ou ação, visando o desenvolvimento de novos produtos” e é estipulado com uma duração de 20 anos.

O segundo “tem por objetivo implantar as ações propostas a longo prazo, relacionadas aos equipamentos destinados ao atendimento dos desejos e necessidades da demanda”, com duração de 5 anos; e o terceiro “constitui a fase inicial da hierarquia na implantação de equipamentos e no desenvolvimento de atividades em

núcleos receptores”, desenvolvidos em um ano, abrange ações como treinamento de recursos humanos, ajardinamento de ruas ou limpeza de fachadas (RUSCHMANN, 1997, p.92-93).

Além das técnicas de planejamento que devem ser tomadas e executadas, alguns itens que trazem vantagens e influenciam na tomada de decisões dos turistas na escolha de um local para visitação devem ser considerados, a saber: incluir locais que tragam interesse, o financiamento das despesas, ter a previsão de uma estada ou permanência ordenada, meios de locomoção que proporcionem comodidade, alojamento, refeições e passeios inclusos (BAHL, 2004a).

O planejamento relacionado ao turismo, ganha cada vez mais forçá e importância de acordo com o aumento das preocupações com a sustentabilidade e a conservação do meio ambiente e, ainda se referindo ao setor turístico, deve considerar vários agentes que estão diretamente relacionados com a atividade, como o turista, o empresário que comercializa o produto, os funcionários desses estabelecimentos e a comunidade local, que compartilha de seus espaç s físicos para o desenvolvimento das práticas turísticas. (BARRETTO, 2005). Como diz Veloso (2003, p.99) “Turismo bem planejado   certeza de vida feliz, de povo satisfeito, de comunidade realizada”, ou seja, o contentamento de todos os envolvidos no processo e a maior possibilidade de promoção da sustentabilidade.

Independente do nível em que é desenvolvido, se no municipal, estadual ou federal, o planejamento é uma importante ferramenta para obter bons resultados no setor turístico, trazendo benefícios para as empresas do ramo, para o ambiente em que a atividade estará sendo desenvolvida e para o turista, que terá um produto de qualidade a seu dispor.

5.1 A INFRAESTRUTURA TURÍSTICA

A infraestrutura é fator fundamental para o bom funcionamento da prática turística, pois com ela, tanto com a básica como a específica para o turismo, os turistas podem “aproveitar suas viagens ao máximo, sem problemas como falta de luz, água,

congestionamentos, etc.” (PARANÁ, 2013, p.15).

A infraestrutura é dividida em geral e específica, e é explicada pelo fato de ter sido criada ou não para fins turísticos. A infraestrutura geral é utilizada pelo turismo da mesma forma que é utilizada por outros setores, como a indústria, o comércio, a agropecuária, etc. A específica é subdividida em duas classes cujos critérios são os mesmo, ou seja, a demanda. A primeira é “relacionada com a situação do investimento” e a segunda “com o Turismo como forma particular de atividade econômica”, sendo um exemplo, as vias de acesso instaladas em função de um atrativo e construção de teleféricos (BENI, 2003, p.126).

Fazem parte da infraestrutura os bens e serviços que um país conta para dar sustentação nas estruturas sociais e produtivas, que englobam telefones, estradas, pontes, ferrovias, educação, moradias, hospitais, etc. e, em se falando de turismo, deve-se considerar aquelas infraestruturas que foram construídas para atender a demanda turística, como trechos de estradas que dão acesso à um *resort* ou pequenas porções de estrada necessárias para que o turista tenha mais facilidade para chegar em um atrativo (BOULLÓN, 2002; SOUZA, 2004 *apud* DIAS, 2005).

A falta de infraestrutura básica pode acarretar no não desenvolvimento do turismo, afinal, pode influenciar na tomada de decisão por parte do turista, que pode optar por não ir à um lugar que não ofereça o mínimo de condições de apoio ou ainda, que ofereça em condições precárias, causando desconforto e insegurança.

Mas a infraestrutura sozinha não é suficiente para que o sistema funcione adequadamente, por isso, existe a superestrutura turística que

Compreende todos os organismos especializados, tanto públicos como da iniciativa privada, encarregados de otimizar e modificar, quando necessário, o funcionamento de cada uma das partes que integram o sistema, bem como harmonizar suas relações para facilitar a produção e a venda dos múltiplos e díspares serviços que compõe o produto turístico (BOULLÓN, 2002, p.61).

Com o auxílio da superestrutura, podem ser resolvidos, ou minimizados, problemas como extravios de bagagens nos aeroportos, esperas excessivas em recepções de hotéis, lojas de artesanatos que vendem *souvenirs* falsos, entre outros. Ela é a responsável por organizar o funcionamento da atividade turística, melhorando a qualidade dos serviços e diminuindo eventuais dificuldades.

No conceito de Barretto (1995), a infraestrutura turística é a soma dos seguintes elementos: infraestrutura de acesso (que aborda os quatro modais); equipamentos turísticos (que engloba alojamentos, agências, núcleos receptores e outros) e; equipamentos de apoio (como rede médico-hospitalar, de automóveis e de entretenimento).

Os elementos abordados a seguir são componentes da infraestrutura turística e são utilizados pela população local e pelos turistas, dando condições para que a atividade turística desenvolva e traga benefícios para vários dos envolvidos.

5.2 OS EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS TURÍSTICOS

Para que o turista tenha condições de melhor usufruir o atrativo, o recurso ou o passeio que está realizando, se faz necessário o uso de determinados elementos que auxiliam na permanência nas localidades, nos deslocamentos e no entretenimento.

Os equipamentos e serviços turísticos são definidos como sendo as instalações necessárias para que aconteça a atividade turística e compreendem os setores de alojamento e/ou hospedagem, alimentos e bebidas, transportes turísticos, agenciamento, animação turística e informações ao visitante (RUSCHMANN, 1997), além disso, a existência de equipamentos agrega valor ao atrativo.

Existem os equipamentos turísticos cuja função é primária, por prestar serviços para a atividade, com o uso de construções como hotéis, as agências, as transportadoras e, um tipo secundário de equipamento, que serve de apoio e são as instalações que oferecem serviços, mas não de forma exclusiva para o turista (BARETTO, 1995).

Os equipamentos turísticos são divididos por Boullón (2002), em quatro categorias e em cada uma delas, existem as subdivisões em tipologias: 1) Hospedagem – hotéis, motéis, pousadas, albergues, *camping*, entre outros; 2) Alimentação – restaurantes, cafés, quiosques e restaurantes típicos; 3) Entretenimento – bares, cassinos, cinemas, teatros, clubes esportivos, parques temáticos, espetáculos públicos, etc. e; 4) Outros serviços – agências de viagens, guias, informação, comércio, câmbio

de moedas, primeiros socorros, transportes turísticos, estacionamentos, módulos policiais, entre outros.

Essas são instalações e elementos indispensáveis para a realização da atividade e sem elas não seria possível desenvolver a atividade, ou seria com qualidades muito inferiores e que não trariam a satisfação desejada pelo turista.

Os serviços turísticos são aqueles exclusivos para o turismo e que dependem dessa atividade para sobreviver no mercado, como os serviços de guia, de passeios com lanchas, os prestados em hotéis, agência, empresas de transporte. Ainda, podem ser prestados sem infraestrutura (como o caso dos guias e recreacionistas), com equipamentos de uso (charretes, lanchas) ou com infraestrutura e equipamentos dentro de um imóvel (hotéis e agências) (BARRETTO, 1995). Existe um padrão desejável para a questão de equipamentos e serviços, e isso quer dizer que a comunidade receptora deve reunir uma infraestrutura capaz de dar no mínimo 60% de sustentação para as iniciativas do setor (BENI, 2003).

Dentre os diversos tipos de equipamentos e serviços disponibilizados no *trade*² turístico, é importante que haja sempre melhorias nas estruturas e na qualidade dos serviços prestados, afinal, o turista está cada vez mais exigente na escolha dos elementos de sua viagem, buscando conforto, higiene, segurança e outros.

5.3 O ACESSO PARA A PRÁTICA TURÍSTICA

Para que a atividade turística ocorra de forma proveitosa e sem que o turista tenha eventuais contratemplos, vias que dão acesso para um atrativo devem estar em boas condições de uso, proporcionando conforto e segurança no deslocamento.

Quando no planejamento de construção de uma estrada, devem ser considerados alguns fatores, como o tipo de material utilizado na pavimentação, as medidas (para que sejam transitáveis com o mínimo de espaço e em conformidade com

²Trade é o conjunto de agentes, operadores, hoteleiros e demais prestadores de serviços turísticos. Trata-se de palavra inglesa que, nesse contexto, pode ser traduzida por “negócios”, e que teve seu uso consagrado no turismo brasileiro, caracterizando os atores citados na definição anterior. BRASIL (2007, p. 19 - 20).

a sinalização e as normas de segurança), a importância cênica, o número de pistas a serem construídas. É importante saber o tipo de veículo que trafegará nela e se haverá ou não equipamentos de apoio para os usuários, tais como postos de combustível, pontos de alimentação e sanitários, atendimento hospitalar, entre outros (BENI, 2003).

Existe uma estrada específica para o turismo, que não é utilizada para escoar mercadorias e sim, por quem quer “dirigir por prazer” e passear, como a Estrada da Graciosa que liga Curitiba a Paranaguá/PR. São chamadas de estradas turísticas e, para sua construção, são observados fatores que fogem dos padrões das vias de acesso normais, considerando apenas a existência da estrada propriamente dita, uma faixa de terra contínua no seu decorrer e a existência de equipamentos recreativos em sua extensão. A esses três elementos é dado o nome de corredor cênico (BENI, 2003).

Durante o deslocamento a via representa não só o acesso ao destino final, ou o regresso ao de origem, mas também pode ser um fator marcante para o turista, pois muitas vezes proporciona paisagens e momentos que valem como parte agradável da viagem, não apenas algo que serviu de corredor de acesso e nada mais.

5.4 OS MEIOS DE TRANSPORTE

Para que ocorra a atividade turística é necessário que tenha algum tipo de transporte que proporcione o deslocamento do turista de seu ponto de origem até seu destino e, que faça o retorno até o ponto de origem, finalizando o trajeto e ocasionando um complemento em todo o processo da viagem.

Os meios de transportes são caracterizados por Bahl (2004a, p. 67) como “elementos fundamentais para a estruturação de roteiros” e eles interferem “tanto no local de origem dos turistas quanto nos locais de chegada (acesso, terminais, frequência, entre outros) e nos próprios meios existentes na localidade receptora”. Palhares (2002) complementa que o transporte é a atividade meio, sendo a origem e o destino as partes iniciais e finais, respectivamente.

Além de ser um meio de locomoção entre os atrativos, o ato de utilizar o transporte também pode ser um atrativo por si só, como alguns trens panorâmicos ou,

como exemplo, o trem que desce a Serra do Mar, no litoral paranaense, os cruzeiros, ou até mesmo os passeios de carro ou de bicicleta.

O transporte é constituído de quatro elementos que, conforme demonstrados por Palhares (2002), seriam: 1) via, é por onde o meio de transporte passa, seja ela totalmente natural como o mar e o ar ou artificial, como as rodovias e ferrovias; 2) veículo, específico para cada tipo de via, influencia na escolha do modo de transporte para realizar o deslocamento; 3) força motriz é a tecnologia propulsora do veículo e pode ser animal, natural (com o uso do vento), artificial (com a combustão, eletricidade ou hidráulico) ou até mesmo humana quando o veículo usado é a bicicleta; 4) terminal, aonde as pessoas tem acesso ao meio de transporte que vai utilizar, seja qual for o modal pretendido, para embarcações únicas ou para realizar uma conexão, fazendo a troca de um ônibus para um avião, por exemplo.

O fator transporte é algo decisivo e fundamental para a atividade turística, ainda mais se forem considerados os atrativos distantes dos centros urbanos, dificultando o acesso. Para isso, uma solução que facilitaria para todas as partes envolvidas, seria a realização de parcerias com empresas de transporte, aliando a qualidade do produto oferecido ao turista, com a sua satisfação, com os benefícios que a empresa de turismo e a de transporte teriam, além de sua divulgação positiva por apresentarem facilidade de deslocamento em seus serviços. Considerando algumas variáveis, os transportes são classificados da seguinte maneira, conforme Palhares (2002):

QUADRO 6 - Classificação dos transportes

TIPO	DESCRIÇÃO
Público	Qualquer pessoa pode usar, mediante aquisição de passe de embarque, em táxis, ônibus, metros, barcas, aviões comerciais.
Privado	É restrito a uma determinada pessoa ou organização, como os carros particulares, os ônibus fretados e voo <i>charter</i>
Modo	Relacionado ao tipo de via que utiliza e a tecnologia com que foi fabricado, podendo ser aéreo, ferroviário, rodoviário ou aquaviário.
Regular	É aquele que tem horários fixos e pré-determinados para sair de seu destino, independente da quantidade de passageiros.
Não regular	Não tem horários determinados, cumprindo a necessidade de viagens de seus contratantes, como o voo <i>charter</i> e as excursões.
Doméstico	É o transporte que tem em seu percurso, a origem e o destino dentro de um mesmo país.
Internacional	Ao contrário do doméstico, tem a origem em um país e o destino em outro.

Fonte: Palhares (2002)

Org.: a autora.

Essa classificação apresenta diferenças marcantes envolvendo o fator financeiro do turista, sendo que as classes com menor poder aquisitivo usam em massa os transportes públicos. Quanto aos modais de transportes, existem os tipos: rodoviário, ferroviário, marítimo e aéreo. Esse último está deixando de ser sinônimo de alto poder aquisitivo e as passagens com preços acessíveis possibilitam um número maior de pessoas fazendo viagens.

Também traz uma divisão conforme a continuidade, a frequência com que o deslocamento é feito. Quando ocorre com intervalos curtos e seguidos é chamado de transporte regular, com linhas determinadas e pontos estratégicos e rotineiros de paradas. Existem os contratados para datas únicas, podendo ser em forma de excursão em grupos ou para poucas pessoas, recebendo o nome de voo *charter*.

Por fim, os deslocamentos realizados dentro do território nacional denominam as viagens domésticas e os percursos podem envolver diversos Estados. Quando a viagem ocorre entre dois ou mais países, caracteriza uma viagem internacional.

O mercado de transporte de passageiros se divide em três segmentos: o de viagens de negócios, de turismo e por razões pessoais. O primeiro constitui o principal público no modal aéreo e a pessoa tem os custos reembolsados pela empresa em que trabalha; o segundo é o maior mercado para as empresas rodoviárias e; o terceiro é considerado por muitas companhias de ônibus com linhas regulares, como sendo sua principal fonte de receita (CARVALHO, 2001).

Um meio de transporte bastante utilizado pela atividade turística é o rodoviário, pois proporciona mais liberdade no deslocamento, sendo possível, nas viagens com carro de passeio, parar a qualquer momento, seja para lanchar, se hospedar ou observar as paisagens. Porém, com o preço mais acessível das passagens aéreas, um número cada vez maior de pessoas está utilizando o modal aéreo em deslocamentos interestaduais, principalmente entre as classes mais baixas, antes sem acesso à essa forma de transporte.

Os diversos tipos de transportes são indispensáveis para o turismo e, como mostrado por Palhares (2002), tem sua importância para a atividade em função dos benefícios, principalmente, dois deles: o modo rodoviário permite que o turista tenha mais acesso aos locais e no sistema porta a porta, permite que ele leve seus próprios

equipamentos. Ainda, faz a ligação entre outros modais e possibilita o transporte de massa e, o modal aéreo, possibilita uma cobertura mundial, mais velocidade e menos tempo nos deslocamentos.

Pode ter importância econômica, social e política: o primeiro é relacionado com as negociações entre indivíduos, favorecidas pelos meios de transporte que permitem fácil acesso; ao baixo custo dos transportes que possibilita a produção em grande escala e; também ao incremento de valor e de renda da terra, pois onde antes não se tinha nem sequer estradas, hoje existem meios de transporte que chegam até lá e fazem escoar a produção (DE LA TORRE, 2002).

O segundo, afeta a sociedade em âmbitos demográficos, afinal, as opções de transportes disponíveis na área urbana chamam a atenção da população rural, que muitas vezes se sente atraída e faz aumentar a densidade populacional das grandes metrópoles e centros urbanos. O terceiro, diz respeito à importância política, pois são considerados instrumentos de informação e publicidade e tem, como função educativa, algo semelhante à função da imprensa, que deve ser exercida com vistas na igualdade e na democracia (DE LA TORRE, 2002).

Independente de seu modal, o transporte é indispensável para a realização da atividade turística e atualmente, esse não é um fator que dificulta a escolha do turista afinal, a concorrência está cada vez maior entre as empresas e isso faz com que o acesso aos meios de transportes se torne mais fácil.

Por fim, pode-se dizer que o transporte é composto de amplas opções de meios de locomoção e, sendo um elemento indispensável para a prática da atividade turística, é um grande influenciador na hora da tomada de decisões por parte do turista, que pode optar por um transporte mais rápido, seguro e que ao mesmo tempo, ofereça um bom custo/benefício.

6 PRODUTOS TURÍSTICOS E SUAS ESPECIFICIDADES

Um dos elementos fundamentais que fazem parte da atividade turística é o produto turístico. Tão essencial como o turista, o tempo livre e uma motivação que leva ele a viajar, a existência do produto é uma condição necessária em cada segmento existente, cada um com suas especificidades.

O produto é destinado, conforme Masina (2002) ao consumo turístico, sendo formado pela junção de bens e serviços finais que são oferecidos numa região ou em um polo turístico receptivo. Também pode ser apreendido como o resultado do que o autor chama de “insumos básicos”, que englobam os recursos naturais e culturais, infraestrutura básica e de acesso e alojamentos, com itens como a tecnologia, o trabalho e o capital, sendo todos processados por empresas prestadoras de serviço. Para Boullón (2002), esses mesmos bens e serviços do produto turístico são os que fazem parte da oferta.

É importante citar que produto e serviço são coisas distintas, e Masina (2002) diferencia-os dizendo que este último não é algo produzido e sim, prestado para alguém que quer utilizá-lo, enquanto o primeiro é um bem material, que é produzido. Porém, Dias (2005), difere e diz que os produtos turísticos são formados pela junção de outros produtos como, o transporte, hospedagem, um restaurante, uma paisagem, etc., mostrando que não são apenas bens materiais, e sua oferta e demanda são elementos que definem o funcionamento do mercado turístico.

É o que Bahl (2004b) define como sendo um agregado de serviços, de bens e do atrativo, que somados formam os componentes do produto turístico: o atrativo, as facilidades que permitem a permanência no local e o acesso. Semelhante ao que Ruschmann (2002, p.75) diz, que “do ponto de vista do consumidor, os componentes do produto turístico são as atrações do núcleo receptor, as facilidades que lhes são oferecidas e as vias e meios de acesso”.

Em relação à sua comercialização, os produtos turísticos apresentam algumas especificidades que causam influência, tais como: a participação ativa do turista na criação do produto e o fato de estar presente na prestação dos serviços, a capacitação e a capacidade dos recursos humanos envolvidos na execução influenciam na

qualidade do produto, a satisfação do turista com os serviços prestados e a personalização, que torna o produto mais atraente (DIAS, 2005).

Existem tipos de produtos turísticos diferentes e Lemos (2001) cita os macroprodutos e os microprodutos. Os macroprodutos, também chamado de produto agregado do turismo, estão relacionados com o destino turístico, e este, junto com o atrativo, compõe o núcleo do produto turístico. Ao seu redor existem os produtos complementares (serviços de hotelaria, restaurantes, locais de visitação, centros desportivos, entre outros) e os periféricos (que se beneficiam indiretamente, como a segurança pública, farmácias, hospitais, táxis, cinemas, entre outros).

Os macroprodutos apresentam características como heterogeneidade (diversidade de destinos disponíveis), complementaridade (diversas atividades que se complementam), multiplicidade (composto por várias formas como deslocamentos, passeios, etc.), abstraticidade (capacidade de um produto ser consumido, mas não absorvido, como um banho de cachoeira que não pode ser levado pra casa), o princípio da não-exclusão (todos podem usufruir de bens públicos e de serviços privados) e rigidez quantitativa (limita es com vagas em hotéis, por exemplo).

Ainda, tem a característica de flexibilidade qualitativa (alta flexibilidade nos serviços), não- estocagem de serviços, concentra o espacial (aglomera o geográfica de destinos turísticos), imobilidade, descontinuidade (limita es que não deixam a atividade ser contínua, como o frio na praia) e, assimetria (jun o da localidade, do atrativo e do serviço prestado). Os segundos, que são os microprodutos, dizem respeito aos valores que compõem o macroproduto e devem ser considerados individualmente itens como os serviços de um hotel, os valores culturais, o recurso natural, a sinaliza o, a hospitalidade, entre outros (LEMOS, 2001).

Os produtos devem ser elaborados de modo que não interfiram na qualidade de vida da comunidade local e, ao mesmo tempo, que atendam os desejos do turista. Deve-se dar aten o à qualidade do produto turístico, incluindo equipamentos e instala es, facilidades de acesso, sinaliza o, limpeza, entre outros (DIAS, 2005).

A maneira como o produto é desenvolvido e administrado influencia na durabilidade e tempo útil dele no mercado, afinal, eles não têm a mesma durabilidade e uns motivam viagens por períodos mais longos e com intensidades maiores que outros.

6.1 A VIDA ÚTIL DO PRODUTO TURÍSTICO

O produto turístico, assim como vários outros bens comercializáveis, tem suas fases, seus períodos de ápice, de utilização de todos os seus componentes, que vão desde o quase total desconhecimento, quando ainda não foi divulgado ou explorado por algum segmento, até sua decadência completa, quando não é capaz de atrair ninguém.

O ciclo de vida do produto turístico proposto por Butler (1980 *apud* Ruschmann, 1997) sugere seis estágios a serem considerados em sua existência, começando pelo exploratório e, por não haver uma infraestrutura adequada, ou até mesmo a ausência dela, poucas pessoas costumam visitar. O segundo é o de envolvimento e são criados equipamentos ou instalações turísticas, com o intermédio de empresários locais.

O terceiro é o de desenvolvimento, com um mercado definido, com propagandas nos locais emissivos e empresas locais que controlam os serviços turísticos. No quarto, é quando parte da economia local depende do turismo e a taxa de crescimento não aumenta mais, porém o número de turistas pode ser tão grande que chegue a ultrapassar o total de residentes.

No quinto estágio acontece a estagnação, ou seja, quando o atrativo já alcançou o seu máximo de turistas, muitas vezes até mais do que suportaria, causando problemas sociais, econômicos e ambientais. Por não ter mais atratividade, outras formas de chamar o turista são criadas, como feiras, congressos ou outras com recursos artificiais.

O sexto estágio pode tomar rumos distintos, dependendo do planejamento utilizado, de empresas privadas e da intervenção do Estado. Um dos caminhos pode ser o declínio, pois só há procura nos finais de semana ou feriados e as instalações turísticas são utilizadas para outros fins, como um hotel que é transformado em uma clínica ou uma escola. O outro é o rejuvenescimento, alcançado com investimentos na reciclagem do atrativo existente ou criação de novas atrações.

A intensidade com que um atrativo é visitado, conseqüentemente, se relaciona com a vida útil do mesmo e também está relacionada com a qualidade que o produto apresenta, sendo que quanto melhor, mais visitado ou não, dependendo do público ao qual se destina e das condições financeiras de visitação.

6.2 A QUALIDADE EM PRODUTOS TURÍSTICOS

O fator qualidade é um determinante na escolha de um atrativo, porque quem se dispõe a sair de casa e conhecer algo diferente, também quer um destino bonito, bem organizado, com condições de higiene suficientes, enfim, um produto que tenha qualidade e que agregue todos os outros elementos citados, levando-o à satisfação.

A qualidade pode definir o êxito ou a decadência de um destino turístico e, para que isso não ocorra, são necessários alguns elementos, tais como o desempenho que o prestador dos serviços tem ao desenvolver suas atividades, a inovação dos serviços e produtos que atendam um público cada vez mais exigente, a estacionalidade, ou seja, uma grande procura variando de acordo com as altas e baixas temporadas e, a diferenciação em relação aos produtos concorrentes, que vem aliada à criatividade de seus administradores e ao público que é destinado (MASINA, 2002).

Por mais que seja trabalhoso e às vezes não apresente resultados imediatos, manter a qualidade do produto que está oferecendo é um ponto fundamental para a sobrevivência do mesmo, afinal, quando é bem apresentável e de qualidade, o fluxo de turistas tende a crescer e conseqüentemente, quando bem atendidos e em um lugar agradável, o marketing boca a boca acontece, trazendo mais turistas para o estabelecimento. Para agregar mais qualidade ao produto, (BENI, 2003) diz que muitas empresas terceirizam os serviços e isso aumenta as chances de algo sair errado, porque quanto mais pessoas envolvidas maiores são os riscos.

No meio natural também existe a preocupação com a atratividade do recurso, principalmente nos últimos anos, em que se tem abordado com mais intensidade o termo sustentabilidade e, a utilização de roteiros pode ser vista como uma forma organizada de desenvolver a atividade, assim, sendo mais fácil manter a qualidade do serviço oferecido. Além disso, ele é confeccionado de acordo com características distintas para determinados grupos de pessoas, atingindo um público específico.

6.3 ROTEIROS TURÍSTICOS

O turismo, dentro de suas variadas segmentações, apresenta distintas formas de organizar suas atividades e, dentre elas, uma maneira de praticar o turismo sem se preocupar em procurar um local para se hospedar ou se alimentar, é usufruindo das rotas turísticas que agregam os serviços necessários para o desenvolvimento da atividade.

As rotas são, segundo Bahl (2004a, p.41), um “caminho direcionado, rodoviário, marítimo ou aéreo, com indicação de um sentido ou de um rumo a ser seguido. Denominação bastante utilizada para designar itinerários turísticos planejados, estabelecidos e associados a uma temática”.

São vários os exemplos de rotas existentes no Brasil, tais como a Rota do Chimarrão e a Rota do Vinho no Rio Grande do Sul, a Rota dos Tropeiros e a do Café no Paraná, a Rota Imperial e a dos Caminhos Reais em Minas Gerais, entre tantas outras nas demais regiões do país.

Já o roteiro, para Bahl (2004a, p.42), é a “descrição pormenorizada de uma viagem ou de seu itinerário. Ainda, indicação de uma sequência de atrativos existentes numa localidade e merecedores de serem visitados”, e que contém dados suficientes e claros para que o turista entenda os detalhes e tenha noção dos locais que estará visitando. Nele, encontram-se os elementos fundamentais da atividade tais como, meios de hospedagem e de transporte, restaurantes, lanchonetes, atrativos arquitetônicos, naturais, entre outros.

Um roteiro pode ser entendido também como “um itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística das localidades que formam o roteiro” (BRASIL, 2007, p.15). Ou seja, é uma forma diferente de promover a região e divulgar os atrativos. Ainda, os roteiros “são as vias de circulação selecionadas pelo trânsito turístico de veículos e de pedestres, em seus deslocamentos para visitar os atrativos turísticos e para entrar ou sair da cidade” (BOULLÓN, 2002, p. 209).

Os roteiros são vistos como produtos turísticos; bens finais destinados ao consumidor, que sejam materiais, portanto, tangíveis, que usam em seus processos

produtivos, os insumos turísticos (recursos naturais e culturais), o trabalho humano, a tecnologia, investimentos e que apresentam uma vida útil dependendo da intensidade com que é procurado pela sua demanda. Podem ser uma forma de inserir os atrativos e aumentar seu potencial de atratividade, criando a possibilidade de a comunidade receptora dinamizar sua capacidade turística (MASINA, 2002; TAVARES, 2002).

Os roteiros são importantes para a atividade turística, pois segundo Tavares (2002, p.15), tornam-se “peças fundamentais na organização e na comercialização do turismo como produto” e, quando um turista está viajando, ele irá conhecer mais que um atrativo afinal, é difícil quem faz uma viagem para conhecer um único produto.

A criação de novos roteiros turísticos, aliado ao aumento de investimentos nos existentes, faz com que o fluxo de turistas aumente e sua permanência seja mais longa, com gastos nos municípios. Esse fenômeno é chamado de roteirização turística, ou seja, é quando alguns municípios, de uma ou mais regiões turísticas, se organizam no processo de sinergia³, estabelecendo uma ligação entre seus atrativos, compondo um roteiro a ser consumido pelos visitantes. (PARANÁ, 2013).

O turismo passa a ter uma produção mais “eficaz, enriquecedora, consciente, responsável e coletiva”, levando em consideração fatores como os comportamentais, os econômicos, intelectuais e os conceituais que são agregados pelos municípios através da integração e interação das ações pretendidas (VELOSO, 2003, p.116).

Portanto, essa é uma alternativa que os municípios de pequeno porte têm para unirem forças e fortalecerem seus produtos turísticos, oferecendo de forma conjunta o que cada um possui de melhor, criando uma nova visão de seus recursos turísticos.

6.3.1 A classificação dos roteiros turísticos

Existem vários tipos de roteiros, dentro do próprio estado ou não. Também tem aqueles mais flexíveis e compactos, feitos em poucos dias, só no final de semana ou

³ O processo de sinergia é a união de duas ou mais partes, cujos resultados serão maiores do que se forem consideradas apenas as somas individuais (PETROCCHI, 1998). É uma maneira prática que muitos municípios adotam para melhorarem seu desempenho e conquistarem seu público, mostrando em conjunto quais os atrativos que eles têm a oferecer.

conforme o tempo disponível do turista. Independente de seu tipo, sempre irá existir um roteiro que se encaixe nas preferências de quem procura. Podem acontecer em diversos locais, no meio urbano, no meio rural, em localidades grandes ou não.

Os roteiros recebem uma classificação de caráter espacial, considerando o local de sua abrangência, conforme definido por Bahl (2004a), se dividindo basicamente em nacional e internacional, conforme demonstrado no quadro 7, a seguir:

QUADRO 7 - Classificação espacial dos roteiros

CLASSIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO
Nacional	<p>Local – são os roteiros que utilizam os recursos da localidade, como estrutura urbana, acesso, circulação, serviços e os elementos que apresentam interesse turístico, tais como as igrejas, museus, monumentos, etc.;</p> <p>1 - Centrais são os roteiros que estão confinados ao núcleo urbano;</p> <p>2 - Periféricos são os roteiros que estão localizados ao redor do núcleo urbano.</p>
	<p>Interlocal – são os roteiros que englobam todas as possibilidades de várias localidades estarem envolvidas, independente de suas proximidades:</p> <p>1 – Intermunicipais podem ser regionais ou estaduais. Os primeiros são os roteiros cujos enfoques estão direcionados a vários municípios próximos ao centro urbano, que as vezes dependem ou sofrem influência das regiões metropolitanas e, o segundo, é quando compreende vários municípios dentro do mesmo estado, sejam eles próximos ou não;</p> <p>2 – Interestaduais podem ser regionais, apresentando aspectos confinados a uma certa região, como a região sul do país, ou podem ser inter-regionais envolvendo duas ou mais regiões do mesmo país.</p>
Internacional	<p>País a país - envolvem uma viagem a outro país, mesmo em outro continente.</p>
	<p>Continentais – acontecem dentro do mesmo continente e se dividem em dois:</p> <p>1 - Por país, sendo que a origem e o destino são dentro do mesmo continente;</p> <p>2 - Por países, inclui diversos países da mesma região ou de regiões diferentes e se dividem em regionais (leva em conta os fatores homogeneidade, com os países apresentando pontos comuns, como urbanismo, idioma, paisagens, e o fator heterogeneidade, ou seja, países se diferenciam em vários aspectos, mesmo sendo próximos) e inter-regionais (diversidade das regiões e de distâncias prevalece e podem ocorrer aspectos homogêneos e heterogêneos).</p>
	<p>Intercontinentais – acontecem entre dois continentes e se dividem em três:</p> <p>1 – Proximidade, ficam subordinados a uma maior ou menor distância entre os continentes envolvidos, por exemplo, um roteiro que incluía o Marrocos, no continente africano e a Espanha no Europeu;</p> <p>2 – Longinquidade, inclui países mais distantes de dois continentes, como o a Espanha e o Japão;</p> <p>3 – Volta ao mundo, inclui países de vários continentes, em forma circular e em movimento mais amplo que os demais tipos.</p>

Fonte: Bahl, 2004a.

Org.: a autora.

Analisando o quadro anterior, definiu-se que o roteiro pretendido é do tipo interlocal e intermunicipal com o subtipo estadual, pois envolverá três municípios do Território Centro Sul do Paraná, que possuem limites geográficos entre si.

Ainda, ele é do tipo periférico, pois ocorrerá na área rural dos municípios envolvidos, percorrendo, algumas vezes, longas distâncias entre um e outro, porém, cabe ressaltar que terá uma duração curta em função de se tratar de atrativos localizados em comunidades receptoras sem maiores opções de lazer que possam motivar a permanência dos turistas. Além disso, o transporte utilizado será todo terrestre, o que torna a viagem sem tanto diferencial e variedade e, como diz Bahl (2004a), os roteiros que conseguem combinar mais de um tipo de transporte conseguem apresentar esses dois elementos.

Além da classificação espacial, os roteiros recebem uma divisão de acordo com o local de elaboração, que segundo Tavares (2002), seriam emissivos e receptivos. O roteiro emissivo é aquele elaborado no polo emissor, por agências, operadoras ou outros. Usa atrativos importantes para motivar a realização da viagem, preocupa-se em atender as expectativas dos turistas e não com os possíveis impactos que serão causados ou com a criação de renda para a localidade receptora, ou seja, a prioridade é atender os desejos e necessidades do cliente.

O roteiro receptivo é elaborado por entidades do polo receptor e, portanto, aliam o desejo de suprir a necessidade da demanda considerando a oferta existente e, para isso, existe uma preocupação em relação à qualidade dos serviços prestados e aumento da diversificação dos atrativos, sendo visto também como uma possibilidade de renda para a população local. Conclui-se que o emissivo visa beneficiar o turista, atendendo suas necessidades, anseios e expectativas, e o receptivo favorece a comunidade local.

Sejam roteiros emissivos ou receptivos, existem nomenclaturas que caracterizam um tipo específico: *forfait* se refere aos pacotes personalizados; excursão é uma viagem realizada em grupos com mais de três dias de duração, (também são considerados os passeios curtos de ida e volta); e pacotes são roteiros organizados de forma similar às excursões e raramente ultrapassam duas cidades visitadas. Roteiros menores estão inseridos nesses anteriores com o intuito de possibilitar maior conhecimento dos locais visitados. São eles os *city tours*, ou seja, passeios de reconhecimento, geralmente executados em grandes centros urbanos (TAVARES, 2002).

O *city tour*, por sua vez, se divide em alguns subtipos, oferecidos em grandes

idades que disponibilizam várias opções de lazer, sendo eles: o básico, percorre os principais pontos turísticos da cidade; o *by night*, é realizado á noite; o panorâmico não prevê paradas na maioria dos atrativos; o monumental, percorre os principais atrativos, selecionando um número pequeno deles para visitaçãõ interna e; o *city tour* motivacional é direcionado para um público específico (TAVARES, 2002).

Os roteiros podem existir em diferentes espaços e não apenas em ambientes naturais. O que importa é conter os itens necessários para sua execução, tais como o turista, sua motivação, os atrativos, os equipamentos e serviços e a infraestrutura básica que atenda as expectativas. Esses elementos serão inseridos de forma mais correta no roteiro por meio do conhecimento adquirido pelos profissionais da área de turismo, e devem ser elencados considerando todos os aspectos relacionados com a localidade e com o perfil do turista.

6.3.2 A elaboração dos roteiros turísticos

Ao ser desenvolvido, o roteiro deve levar em conta diversos fatores, como o perfil do turista, afinal, ele está cada vez mais exigente com o consumo de produtos e é necessário personalizar os pacotes para atender cada grupo em suas especificidades.

Esses itens são importantes para o turista, que poderá desfrutar de seu passeio com mais tranquilidade sabendo que fez um bom planejamento de suas opções, e para o profissional que irá elaborar o roteiro, tendo noção das preferências do cliente e assim, tendo condições de criar um pacote, um roteiro que se adapte à necessidades do turista.

A elaboração de um roteiro abrange características que auxiliam na sua classificação, por exemplo, o local de elaboração indica se o roteiro é emissivo ou receptivo. Dependendo de quem organiza, o roteiro é público ou privado, podem ser organizados ou espontâneos, comercializáveis ou não (SILVA e COSTA NOVO, 2010). O roteiro pretendido se enquadra como sendo receptivo, de ordem privada, sendo organizado por pessoa civil, de forma organizada e que poderá ser comercializado.

Podem ser elaborados, de acordo com Tavares (2002), por órgãos públicos, por

empresas privadas ou pelos próprios turistas. Eles utilizam das facilidades dos meios eletrônicos para fazerem suas pesquisas de locais, de restaurantes, meios de hospedagem, passagens, etc. e muitas vezes tornam seus pacotes mais econômicos do que adquirindo em agências de viagens.

Conforme Bahl (2004a), um roteiro deve possuir requisitos básicos, como os apresentados no quadro a seguir.

QUADRO 8 - Itens para elaboração de um roteiro

ITENS QUE DEVEM CONSTAR NA ELABORAÇÃO DE UM ROTEIRO	
Nome ou denominação do programa	Informação sobre tempo livre
Duração (dias e noites)	Condições gerais contratuais do programa
Datas de saída e chegada	Opcionais
Preço por pessoa	Tipo de hospedagem
Serviços incluídos	Meio de transporte
Dias em que se presta cada serviço	Empresa (dados)
Localidade ou cidades visitadas	Forma de pagamento
Descrição dos locais e atrativos a visitar	Documentação exigida
Informações sobre as atividades incluídas no programa	

Fonte: Bahl, 2004a.

Org.: a autora.

A elaboração de um roteiro exige conhecimento, dedicação e empenho de quem está criando afinal, cada grupo de turistas apresenta características específicas e as atividades devem ser escolhidas de acordo com o grupo para o qual se pretende direcionar o produto. Para atender alguns grupos é necessário pesquisar bons locais de hospedagem, alimentação e que ofereçam segurança e conforto e, para outros, aqueles aventureiros que gostam de *camping* e que não exigem requinte e conforto, essa pesquisa não se faz necessária, afinal, as condições de alojamento e o contado direto com a natureza é algo que faz toda a diferença.

Existem algumas observações importantes a serem consideradas na hora de elaborar um roteiro e, Bahl (2004a), elenca aspectos como: uma descrição breve sobre as paisagens que estão relacionadas ao percurso, estabelecer os locais de atração e fazer um curto histórico dos pontos que serão percorridos dando ênfase às raízes locais, suas tradições, costumes culturais e religiosos e, ainda, salientar a questão econômica da localidade, como as indústrias, comércio, etc.

Outro fator que não pode passar despercebido é a necessidade de, em roteiros de longa duração, desenvolver uma programação de recreação que, para Bahl (2004a, p.79), “permita a distração, a interação e a integração dos passageiros, como um recurso para agregar valor ao produto oferecido”, fazendo com as distâncias pareçam menores e o passeio se torne mais dinâmico e agradável.

Além de todos esses itens citados, Brambatti (2002 *apud* BERTOCO, 2008) diz que, para que um roteiro funcione de maneira adequada, não é apenas ter os atrativos, mas também, que sejam disponibilizados alguns serviços de suporte à atividade turística, principalmente os relacionados aos postos de informação e locais de hospedagem.

Pode-se verificar que em cada etapa da elaboração de um roteiro, está sempre presente o planejamento, uma ferramenta indispensável quando se pretende alcançar bons resultados e que deve ser usada por todos os segmentos da atividade.

7 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A seguir, será caracterizado o objeto de estudo, onde estão descritos os recursos naturais que constam nos documentos oficiais dos três municípios paranaenses e em um segundo momento, após análise dos dados obtidos na pesquisa, será feita a análise dos recursos naturais destacados pela população, de forma a possibilitar o alcance dos objetivos propostos neste trabalho.

Os três componentes do objeto de estudo apresentam características semelhantes quanto a aspectos como condições climáticas, aspectos geográficos e sistema de produção agrícola. Referente ao potencial para desenvolver o turismo, pode-se dizer que o município de Prudentópolis se sobressai em relação aos demais, por ter um número maior de cachoeiras e algumas com a presença de infraestrutura, equipamentos e serviços básicos disponíveis. Por terem alguns recursos naturais em suas extensões, os municípios estudados se relacionam de forma benéfica e a existência de uma sinergia entre eles renderia bons frutos.

7.1 IRATI

As terras que hoje são o município de Irati eram habitadas por índios caingangues e só receberam esse nome entre 1829 e 1830, por meio de Pacífico de Souza Borges e Cipriano Francisco Ferraz e, na língua dos indígenas, denomina uma espécie de abelha chamada *iratim*. Em dezembro de 1899 foi inaugurada a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, atraindo mais moradores e proporcionando um impulso no desenvolvimento local. Entre outras etnias, as que predominam são as de origem ucraniana e polonesa, mantendo parte de suas tradições até os dias atuais (INVENTÁRIO TURÍSTICO DE IRATI, 2012).

O município de Irati está dividido em quatro distritos administrativos, sendo eles Irati, Gonçalves Júnior, Guamirim e Itapará. Tem uma população de 56.207 habitantes, contabilizada pelo censo do IBGE no ano de 2010, a área territorial de 995,289 km² e está à 150 km da capital Curitiba. Foi desmembrado do município de Imbituva e a data

de sua fundação é 15 de julho de 1907. (IPARDES, 2013). A figura 1, com destaque para Irati, apresenta seus municípios limítrofes.

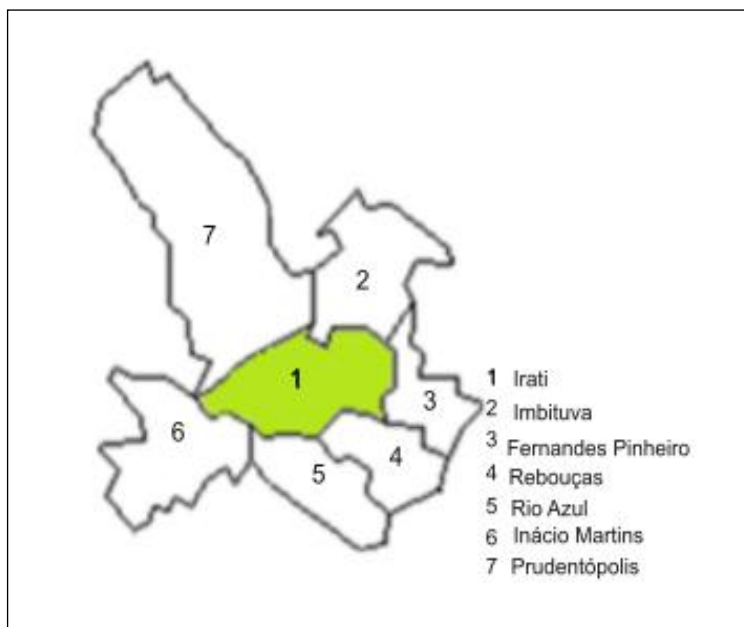


FIGURA 1 – Mapa de Irati e municípios limítrofes
Fonte: a autora

É um município com alguns recursos naturais que podem ser utilizados pela atividade turística de diversas formas, como visitas, trilhas e esportes de aventura. A seguir, vide quadro 9, são apresentadas as cachoeiras existentes no município:

QUADRO 9 – Recursos Naturais do Município de Irati

RECURSO NATURAL	DESCRIÇÃO
Cachoeira do Fillus, Dallegrove ou da Santa	Localizada no perímetro urbano, com 22 m de altura, cerca de 800 m do centro, de propriedade particular.
Cachoeira do Pinho	Localizada à 10 km na comunidade do Pinho de Baixo, com aproximadamente 16 m de altura.
Cachoeira do Cadeadinho	Localizada à 60 km do centro de Irati, no Rio Faxinal dos Neves, tem aproximadamente 10 m de altura, com acesso relativamente fácil.
Cachoeira da Vista Alegre	Localizada à 43 km. São duas cachoeiras próximas uma da outra, com aproximadamente 12 m de altura. São de difícil acesso e banhadas pelas águas do Rio do Faxinal dos Neves.
Cachoeira do Sr. Teodózio Hlatki	Localizadas à 45 km, no Rio Faxinal dos Neves, de fácil acesso e as duas cachoeiras são separadas por um moinho.
Cachoeira de Água Mineral	Fica situada na propriedade do senhor Jaroslau Ginco. De acesso extremamente difícil, a 60 km do centro da cidade.
Cachoeira de Itapará	Localizada à 45 km, com aproximadamente 10 m de altura e é banhada pelo Rio dos Patos.

Fonte: ASSUNÇÃO, H. K. (2002, *apud* Inventário Turístico de Irati, 2012).
Org.: a autora

Algo que dificulta a visitação às cachoeiras é a distância em relação ao centro da cidade e as condições dos meios de acesso, pois em muitos dos casos as estradas não são boas e no próprio recurso natural, se percebe a dificuldade em chegar próximo à água da cachoeira, afinal, alguns tem trilhas, umas mais ou menos íngremes, que podem dificultar a visitação.

Uma boa opção a ser desenvolvida, e já realizada por moradores no município, é unir o passeio à cachoeira utilizando o transporte de bicicleta. Um dos recursos naturais que podem ser visitados assim é a Cachoeira do Pinho, que apresenta um acesso em boas condições de tráfego.

O turismo iratiense gira em torno dos segmentos de: 1) ecoturismo, com as cachoeiras existentes e com a Floresta Nacional de Irati, que, criada em 1968 em uma região entre Irati e Fernandes Pinheiro, possui quase 3.500 ha de área com araucárias, imbuías, pinheiros e eucaliptos, além de uma fauna composta pela gralha azul, macaco-prego, capivara, sabiás, entre outros, além da Caverna do Canhadão, a 30 km do Centro; 2) do turismo religioso e cultural, pois possui a imagem de Nossa Senhora das Graças, com 22 m de altura é a maior do mundo, foi erigida em 1957 e com a Casa da Cultura, um imóvel do início do século XX com um grande acervo relacionado à história de Irati.

Ainda, destacam-se: 3) turismo de negócios e eventos, com o Rodeio de Irati e festas gastronômicas como a Festa do Borrego no Rolete, realizada anualmente no mês de dezembro, a festa do Pêssego e da Cerveja Caseira, as festas étnicas, como a Festa Polonesa, com missa, apresentações culturais e gastronomia típica; a Deutsches Fest – Baile do Chopp e da Linguíça, para os descendentes de alemães; e a Festa das Nações, que reúne tanto os pratos típicos quanto as principais manifestações da cultura de alemães, holandeses, italianos, poloneses e ucranianos.

7.2 PRUDENTÓPOLIS

Antigamente conhecido como São João de Capanema, o município passou a se chamar Prudentópolis em meados de 1894, quando o Governo Federal resolveu

colonizar o local, cedido pelo Governo Estadual para esse fim. A Colônia recém fundada recebeu o nome em homenagem ao então presidente da República, Prudente de Moraes porém, o município só foi legalmente criado em 1906, sendo desmembrado de Guarapuava (INVENTÁRIO DA OFERTA TURÍSTICA DE PRUDENTÓPOLIS, 2012).

O município de Prudentópolis foi instalado em 12 de agosto de 1906 sendo dividido em três distritos administrativos: Prudentópolis, Jaciaba e Patos Velhos. Segundo a contagem censitária realizada pelo IBGE em 2010, a população é de 48.792, a área territorial é de 2.242,466 km² e está localizado a 200 km da capital do Estado (IPARDES, 2013). A figura 2 apresenta, com destaque para o município de Prudentópolis, seus municípios limítrofes.

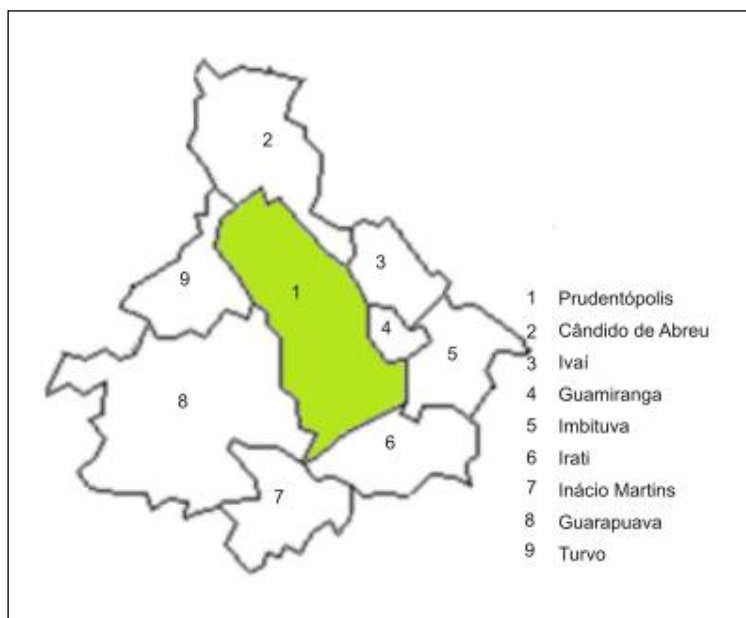


FIGURA 2 – Mapa de Prudentópolis e municípios limítrofes
Fonte: a autora

Dos municípios estudados, é o que possui o maior número de cachoeiras, sendo mais de cem no total, sendo 36 delas catalogados no Inventário Turístico de Prudentópolis (2012), com destaque para o Salto São Francisco, São João, São Sebastião e Barão do Rio Branco.

QUADRO 10 – Recursos Naturais do Município de Prudentópolis.

RECURSO NATURAL	DESCRIÇÃO
Salto São Francisco	Considerado o salto mais alto da região Sul do país e o mais importante do município, possui aproximadamente 196 m de queda livre. Para chegar é necessário passar por um trecho crítico com aproximadamente 15 Km de terra batida e pedras, não sendo aconselhável para veículos baixos.
Cachoeira Menor	Distância de 60 Km, sendo 14 km em asfalto e 46 km em chão batido. Localizada no mesmo curso do rio do Salto São Francisco, um pouco antes deste, possui 14 metros de altura. É possível chegar por uma trilha que também leva ao mirante natural e à cabeça do Salto São Francisco.
Salto São João	Localizado na Barra Bonita, distância de 22 km, sendo 7 km em asfalto e 15 km em chão batido. Tem 84 m de altura, situado no Rio São João, é um dos mais procurados para visitação devido à facilidade de acesso.
Salto Barra Grande e Fazenda Velha (Saltos Gêmeos)	Localizado na Barra Grande, com a distância de 30 km, são utilizados apenas para visualização (a caminho dos Saltos São Sebastião, Mlot, Canyon do Perekowski e Salto São Francisco) devido ao difícil acesso. Possuem aproximadamente 130m e 100m.
Salto São Sebastião	Salto com 120 metros, pouco volume de água, é o local mais procurado para a prática de <i>rapel</i> e propício à prática de <i>canyoning</i> . Na cabeceira do salto, de um mirante natural, é possível visualizar o Salto Mlot, localizado bem a sua frente.
Salto Mlot	Localizado na Unidade de Conservação do Monumento Natural do Salto São Sebastião. Com distância de 29 km, possui 120 metros e 5 metros respectivamente, situado de frente ao salto São Sebastião. Também possui pouco volume de água e potencialidade para <i>rapel</i> e <i>canyoning</i> .
Cachoeira do Miguel	Localizado na comunidade de São Sebastião, com distância de 29 km, possui 5 m de altura, situado na parte superior do Salto Mlot.
Salto Barão do Rio Branco	Localizado na comunidade Manduri, com distância de 14 km, é um dos saltos mais procurados para visitação. Com 64 m de altura e significativo volume de águas é possível chegar à base através de uma escadaria com 478 degraus.
Salto dos Papagaios	Localizado na comunidade Tijuco a uma distância de 42 km, com aproximadamente 100 m de queda no Rio dos Patinhos. Devido ao difícil acesso, não é explorado turisticamente.
Salto do Imjo	Localizado no Manduri a uma distância de 16 km. Possui baixo volume de água e o acesso à sua base é feito por uma trilha de aproximadamente 500 m.
Salto do Virgílio	Localizado na Barra Bonita, a uma distância de 27 km. Com 60 m de queda e baixo volume de água, é possível praticar <i>rapel</i> . A trilha de acesso à cabeceira é fechada e permite visualização limitada e o acesso à sua base é difícil.
Salto Manduri ou Salto Rickli	Localizada na comunidade de Manduri a uma distância de 12 km. Possui 32 m de altura e aproximadamente 100 m de largura com pouco volume de água. Localiza-se no Rio dos Patos e possui áreas próximas para banho.
C�nsul Pool	Localizada na comunidade de C�nsul Pool a uma distância de 25 Km. De médio porte, grande beleza natural e características singulares - como a afloração de águas sulfurosas em terrenos próximos.
Cachoeira Encantada	Localizada em Queimadas a uma distância de 25 km, aproximadamente 85 m de queda, situado em área propícia para caminhadas e observação da natureza. Percorre-se aproximadamente 3 km em caminho de pedras do leito do rio, para chegar à base da cachoeira.

Enxu	Localizado na Linha Paraná a uma distância de 23 km, de médio porte na propriedade da família Maleski.
Grota Funda	Distância de 35 Km, localizada na comunidade de Patos Velhos, formada por quatro quedas de pequeno porte, em um percurso de 400 m, sendo necessário percorrer uma trilha de aproximadamente 700 m.
Salto Sete	Distância de 16 km, localizada no Cânion do Rio dos Patos. Possui baixo volume de água e o acesso à sua base é feito por uma trilha de 500 m.
Salto Tira - Cisma	Localizado na comunidade Cônsul Pool, distância de 28 km e 80m de altura, em propriedade particular, onde passa por uma parte de roça e depois uma caminhada de 300m em meio a mata, para ter acesso à parte superior da cachoeira, não tem acesso por baixo da mesma, por ser de mata completamente fechada.
Sem descrição no inventário: Salto do Milome, Saltos em Ligação, Salto Rio Anta Gorda, Salto Samanbaia, Salto Cipó, Salto do Barreiro, Cachoeira do Tigrinho, Cachoeira Branca, Cachoeira do Deczka, Salto Rio da Areia, Salto do Cassiano, Cachoeira do Shirlo, Salto do Herval, Salto, Cachoeira da Ita, Salto da Pancada Grande, Cachoeira do Inca e Salto do Monjolo.	

Fonte: Inventário da Oferta Turística de Prudentópolis, 2012.

Org.: a autora

A quantidade e a altura das cachoeiras do município fizeram com que fosse conhecido como a “Terra das Cachoeiras Gigantes” e, embora elas sejam carentes de infraestrutura que forneça um bom acolhimento para o visitante, existe uma demanda considerável que usufrui, pelo menos alguns dos recursos disponíveis em Prudentópolis. Algumas cachoeiras são de acesso fácil para visitação, porém outras ficam em recantos particulares e só assim o visitante encontra a infraestrutura necessária, como piscinas, área para *camping* e restaurantes. (FOLHA DE IRATI, 2011).

Prudentópolis apresenta um potencial considerável para a atividade turística e, não apenas com os recursos naturais, mas também com o turismo religioso e o histórico-cultural, influenciados pela colonização ucraniana e polonesa no município.

Atualmente, as cachoeiras representam a principal motivação da visitação no município de Prudentópolis, mesmo várias delas não tendo condições de receber turistas nem possuindo qualquer tipo de acesso, nem mesmo por trilhas. As cachoeiras mais visitadas são o Salto São João, o Salto Barão do Rio Branco, o Salto Manduri, o Recanto Perekowski, o Salto São Francisco, São Sebastião e Mlot. A maioria dos atrativos e recursos naturais ainda se encontra conservado, com exceção dos recantos que recebem grande fluxo de visitantes e o excesso na capacidade de carga causa impactos ambientais como poluição sonora, acúmulo de lixo, erosão, etc.

Existe também uma opção para quem gosta de esportes de aventura, a Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) Ninho do Corvo. O espaço fica a 25 quilômetros do

centro da cidade e oferece as práticas de rapela (rapel + tirolesa), corvolesa (tirolesa controlada que desce o cânion do Rio Barra Bonita, com 140 metros de extensão e termina na água), rapel e caminhadas pelas trilhas.

A estrutura também oferece opções de quartos e área de camping. Para conhecer as oito cachoeiras da RPPN é necessário praticamente um dia todo. Três delas são abertas ao público e as outras cinco são exclusivas para a prática dos esportes de aventura. A maior queda é o Ninho do Corvo, com 70 metros de altura.

Na atividade turística, a alimentação é um fator indispensável e em Prudentópolis, embora as raízes da colonização ucraniana sejam fortes, não existe um restaurante que sirva os pratos típicos sendo necessário fazer um agendamento prévio com hotéis ou restaurantes para saborear as delícias.

O fluxo turístico existe principalmente entre os meses de dezembro e fevereiro, com os turistas buscando pelos atrativos em áreas naturais (rios, cachoeiras, faxinais, entre outros) e também pelas datas comemorativas, como a páscoa ligada à cultura ucraniana. No mês de junho, os turistas vão a Prudentópolis devido a festa de São João Batista; em agosto a motivação é a Noite Ucraniana, realizada pelo Grupo Folclórico Vesselka; e, no mês de novembro, a festa de São Josafat é a grande atração (DEMCZUK, SANCHES e CARDOZO, 2012).

Em se tratando de políticas administrativas municipais, na década de 1990 criou-se o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), que existe até hoje, porém não possui uma atuação marcante na gestão do turismo municipal. Juntamente com o COMTUR deveria ser criado um Fundo Municipal de Desenvolvimento do Turismo, entretanto este fundo só foi criado em 2004. O Fundo receberia os recursos provenientes do alvará pago pelos bares, restaurantes, hotéis, empresas de transportes e demais setores ligados ao turismo. Atualmente este fundo encontra-se sem nenhum recurso (DEMCZUK, SANCHES e CARDOZO, 2012).

Como forma de impulsionar o turismo no município, desde 2010 tem acontecido a Festa Nacional do Feijão Preto (FENAFEP), com 4 dias de duração e, nesse ano teve cerca de 3 mil pessoas provando a feijoada gigante. Ainda, foi implantado um centro de informações turísticas, são realizados cursos de capacitação em parceria com o SEBRAE e ABETA (Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura) e, em

parceria com o governo federal, desde o ano passado está tramitando o projeto de estruturação do Monumento Natural do Salto São João, sendo esta uma unidade de conservação estadual e sob administração do Serviço Social Autônomo ECOPARANÁ, que desde 2011 desenvolve um novo modelo de gestão nas áreas de uso público nas Unidades de Conservação paranaenses (DEMCZUK, SANCHES e CARDOZO, 2012).

Diante do exposto, é visto que o potencial de Prudentópolis vem sendo explorado de maneira ainda lenta mas que pode se tornar mais organizada. Além disso, há incentivos para o desenvolvimento da atividade turística não apenas em áreas naturais, mas também nos segmentos religioso, cultural e de eventos.

7.3 RIO AZUL

Inicialmente habitada por índios *kaigangs*, Rio Azul teve as primeiras colonizações por volta de 1885, com a chegada de desbravadores e bandeirantes. A povoação de fato ocorreu em 1902, com a chegada da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, fixando imigrantes poloneses, ucranianos, italianos e sírio-libaneses (INVENTÁRIO DA OFERTA TURÍSTICA MUNICIPAL DE RIO AZUL, 2009).

O município de Rio Azul foi desmembrado de São João do Triunfo, sua data de instalação é 14 de julho de 1918 e a contagem censitária feita pelo IBGE em 2010 apontou que a população é de 14.093 habitantes. A área territorial é de 627,438 km² e o município está localizado a 183 km de Curitiba, sendo apenas um distrito administrativo e que pertence a comarca de Rebouças (IPARDES, 2013).

A figura 3 na página seguinte, apresenta, tendo Rio Azul em destaque, os seis municípios limítrofes.

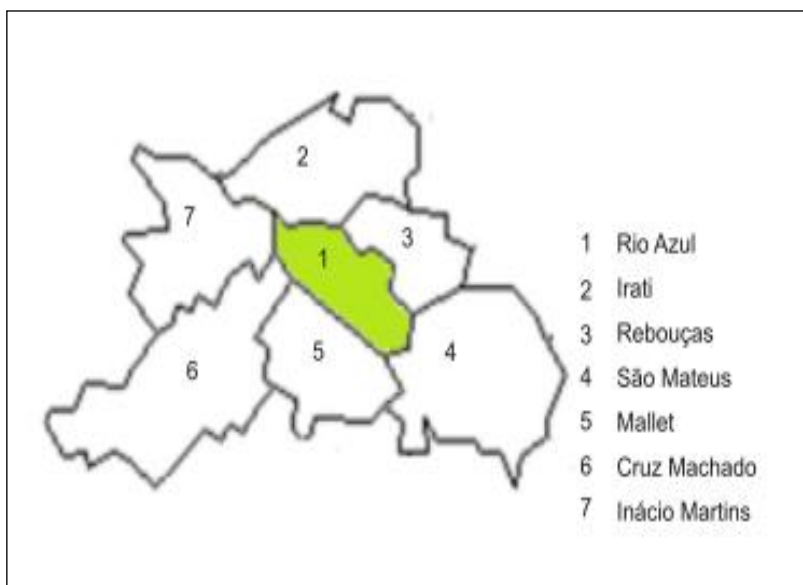


FIGURA 3 – Mapa de Rio Azul e municípios limítrofes
Fonte: a autora

De acordo com os dados do Inventário da Oferta Turística Municipal de Rio Azul (2009), os recursos naturais existentes no município são o Parque Ambiental Municipal Salto da Pedreira que possui a Cachoeira, o Restaurante do Produtor, o mirante e a gruta, e o Faxinal da localidade rural de Água Quente dos Meiras. Existem alguns recursos naturais que não foram catalogados na época da realização do Inventário, (devido ao fato do modelo do documento permitir a inclusão apenas dos atrativos e não dos recursos) e, embora não possuam infraestrutura, são visitadas pela população local, como o Salto dos Soares, a cachoeira da propriedade do senhor André Dussanóski e as cachoeiras do Lajeado.

QUADRO 11 - Recursos Naturais do Município de Rio Azul

RECURSO NATURAL	DESCRIÇÃO
Parque Ambiental Municipal Salto da Pedreira	Com 14 metros de altura Mais conhecido com Parque da Pedreira, é uma área de domínio público, administrada pela Prefeitura do Município. Está localizado na localidade rural de Butiazal, o acesso se dá pela PR 153, 8 km do centro da cidade (ponto zero do município), sentido Rebouças/Irati. Possui uma área de 83.359,50 m ²

Fonte: Inventário da Oferta Turística Municipal, 2009.
Org.: a autora

Embora no Inventário da Oferta Turística Municipal só conste um atrativo natural, as outras cachoeiras também são conhecidas e visitadas pela população, porém é

visível que a falta de divulgação, a dificuldade de acesso e a inexistência de infraestrutura dificultam, quando não impossibilitam, a visita, principalmente de pessoas de fora do município.

Durante a pesquisa realizada com os munícipes, surgiram relatos de outros recursos naturais existentes no município, além das cachoeiras. Foi citada uma caverna com pinturas rupestres na comunidade de Invernada e, inclusive uma das pessoas que mencionou esse local, é professora de história e costumava levar os alunos para visitarem e conhecerem a história local. Outro munícipe relatou que fazia serviços de guia, levando os turistas até lá, mas atualmente esse local não é explorado.

No setor de turismo em Rio Azul, na atualidade, tem destaque a realização da *Fest in Rio*, já em sua 12ª edição, reúne cerca de 14 mil pessoas em três dias de festa no Parque da Pedreira, unindo o turismo de eventos e o contato com o meio natural. Percebe-se que há interesse e incentivo por parte do poder público, pois no site oficial do município é possível encontrar sugestões de roteiros, interligando segmentos diversos como o religioso, o cultural e em áreas naturais.

8. RESULTADOS

Neste capítulo serão explanados e analisados os resultados da pesquisa feita nos municípios: Irati, Prudentópolis e Rio Azul. Além de auxiliar na definição de quais recursos naturais serão inclusos na rota pretendida, essa pesquisa possibilitou identificar pontos importantes relacionados às cachoeiras existentes.

Inicialmente, foram aplicados questionários em cada um dos municípios, principalmente nos centros das cidades, abordando pessoas com idade superior a 18 anos. Após a tabulação dos dados e com a análise feita, foi possível identificar a situação dos principais recursos citados pela população e, com isso, incluir algumas cachoeiras na rota, considerando a infraestrutura existe e o acesso até elas.

8.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS NOS MUNICÍPIOS DE IRATI, PRUDENTÓPOLIS E RIO AZUL

Foram aplicados 68 questionários em cada um dos três municípios e a amostra abrangeu munícipes com idade superior a 18 anos, sendo que os questionários foram aplicados nas regiões centrais da área urbana dos três municípios.

Da amostra total, o município de Rio Azul apresentou o maior índice de recusa em responder a pesquisa, totalizando 12 pessoas. Esse é um fato interessante porque é o município que possui menos recursos naturais, mas por outro lado, tem a cachoeira do Parque da Pedreira, que movimenta um número considerável de visitantes mensalmente. A tabela 1 apresenta o número de questionários aplicados, os respondidos e os não, e também o sexo dos entrevistados.

TABELA 1 - Questionários aplicados e o sexo dos entrevistados

	IRATI	PRUDENTÓPOLIS	RIO AZUL
AMOSTRA	68	68	68
RESPONDIDOS	63	62	56
BRANCOS	5	6	12
HOMEM	34	29	29
MULHER	29	33	27

Fonte: a autora

Dentre os entrevistados, a maioria pertence ao grupo com idade entre 18 e 25 anos. Embora o entrevistado tenha sido abordado aleatoriamente, supõe-se que esse grupo é um dos que possui maior disposição para caminhadas em locais de difícil acesso, além de terem tempo livre.

A tabela 2 mostra as idades dos entrevistados nos três municípios, sendo que elas foram agrupadas para facilitar a tabulação e a visualização dos dados.

TABELA 2 – Idade dos entrevistados

IDADE	IRATI	PRUDENTÓPOLIS	RIO AZUL
Entre 18 e 25	19	16	19
Entre 26 e 30	8	8	7
Entre 31 e 40	9	16	9
Entre 41 e 50	16	7	12
Acima de 51	11	15	9
Total	63	62	56

Fonte: a autora

A próxima pergunta foi sobre o tempo de residência no município. Nos três municípios foi possível verificar que a maioria dos entrevistados é natural dos mesmos, representando 53% em Irati, 53% em Prudentópolis e 68% em Rio Azul, conforme a tabela a seguir:

TABELA 3 – Tempo de residência no município

TEMPO DE RESIDÊNCIA	IRATI	PRUDENTÓPOLIS	RIO AZUL
Desde que nasceu	33	33	38
Até 10 anos	10	9	10
De 11 a 20 anos	10	13	6
Mais de 21 anos	10	7	2
Total	63	62	56

Fonte: a autora

Quando questionados sobre o estado marital, caracterizado não pelo estado civil, mas pela situação em que o indivíduo se encontra, ou seja, se ele está morando ou não com companheiro (a), a maior parte dos homens de Irati e de Rio Azul disseram que moram com a companheira, se opondo aos dados de Prudentópolis, onde as mulheres somam a maioria, com 55% de respostas afirmativas, conforme pode ser visualizado na tabela 4.

Os dados de Rio Azul determinam que 95% dos entrevistados conhecem pelo menos uma das cachoeiras e 5% não conhece, ou seja, 53 pessoas conhecem e 3 não

conhecem. Em Prudentópolis, 85% da amostra entrevistada conhece alguma cachoeira, correspondendo a um total de 53 pessoas. Segundo os dados da amostra, o município de Irati apresenta os maiores índices de que a população não conhece os recursos naturais existentes, girando em torno de 76% que conhecem, contra 24% que nunca foram até um deles, embora muitos já tenham ouvido falar a respeito das cachoeiras.

A razão de levantar os dados sobre o tempo de residência e o estado marital foi a de verificar se esses elementos influenciam ou não no fato dos munícipes conhecerem as cachoeiras, sendo constatado resultado negativo. Os dados revelam que a maioria dos homens que conhece as cachoeiras estão vivendo atualmente com suas companheiras. Quanto às mulheres que conhecem os recursos naturais de seus municípios, Irati e Prudentópolis apresentam os maiores índices de que as que possuem companheiro conhecem, mesmo sendo em proporções próximas. Foram obtidos os seguintes dados do estado marital:

TABELA 4 - Estado marital como influência em conhecer ou não as cachoeiras.

ESTADO MARITAL	IRATI		PRUDENTÓPOLIS		RIO AZUL	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Com companheiro (a)	19	13	14	18	17	13
Sem companheiro (a)	15	16	15	15	12	14
Conhece – com comp.	14	9	14	15	16	13
Conhece – sem comp.	15	4	13	11	11	13
Não conhece – com comp.	5	4	-	3	1	-
Não conhece – sem comp.	0	6	2	4	1	1

Fonte: a autora

Na tabela 5 fica nítido que no município de Rio Azul o recurso natural mais conhecido é o Parque Ambiental Municipal do Salto da Pedreira, citado por 89% dos munícipes entrevistados, o que corresponde a 50 pessoas. Já em Prudentópolis, ocorre uma similaridade nos dados das cachoeiras mais citadas, sendo que a quantidade de pessoas que citou as três cachoeiras mais conhecidas, está entre 21 e 24 indivíduos. Em Irati, 52% dos entrevistados disseram conhecer a Cachoeira do Fillus, fato esse justificado pela proximidade dele com o centro da cidade, porém há alguns anos fechada para visitação turística e sem condições de recebê-los devido a falta de manutenção.

TABELA 5 - Quais cachoeiras a população entrevistada conhece

CACHOEIRA	IRATI	PRUDENTÓPOLIS	RIO AZUL
Itapará	17	-	-
Fillus	41	-	-
Pinho	9	-	-
Outras de Irati	12	-	-
São João	-	24	-
São Francisco	-	24	-
Barão do Rio Branco	-	21	-
São Sebastião	-	16	-
Rickli	-	18	-
Perecholski	-	11	-
Outras de Prudentópolis	-	29	-
Parque A. M. Salto da Pedreira	-	-	50
Salto dos Soares	-	-	10
Dussanóski	-	-	4
Lajeado	-	-	5
Outras de Rio Azul	-	-	30

Fonte: a autora

Após essas informações, foi necessário verificar se os entrevistados costumam visitar e com que frequência isso acontece. Em Rio Azul, 95% disse que costuma visitar o Parque da Pedreira, o que corresponde um total de 54 pessoas. No município de Prudentópolis, o Salto São João e o Salto São Francisco foram as duas cachoeiras mais citadas, com a menção de 24 pessoas para cada recurso. Já em Irati, a Cachoeira do Fillus foi a mais citada, sendo que 41 pessoas disseram que a conhecem. Em relação à frequência com que vão às cachoeiras de seus municípios, coincidentemente, os três apresentam similaridade, sendo que todos giram em torno de 1 a 3 visitas por ano, conforme é verificado na tabela 6.

TABELA 6 - Frequência com que visitam as cachoeiras

FREQUÊNCIA	IRATI	PRUDENTÓPOLIS	RIO AZUL
7 ou mais vezes por ano	-	1	3
4 a 6 vezes por ano	1	6	8
1 a 3 vezes por ano	7	7	16
1 a 2 vezes por mês	3	1	5
Fim de semana	2	1	3
De vez em quando	-	5	3
Raramente	6	5	8
Nem todo ano	-	-	3
No verão	-	7	5
Não costumam	12	9	4

Fonte: a autora

Quando questionados sobre quais dificuldades percebem ter em relação à visita, que inclui as questões de acesso, de sinalização e de infraestrutura, os entrevistados de Rio Azul reclamam especialmente da falta de infraestrutura e em seguida do acesso até algumas das cachoeiras, principalmente as mais distantes da cidade. Esse dado se opõe à Irati, onde 26 pessoas reclamam das condições do acesso como principal dificuldade, seguida da falta de infraestrutura.

A amostra de Prudentópolis citou, além das apresentadas na tabela 7, outras dificuldades como: falta de investimento, ser indisponível a visita devido ao fato de ser de propriedade particular, não ter recursos financeiros para realizar a visita, excesso de vegetação no mirante ou falta de escadas em alguns Saltos e o risco que existe pela falta de trevos de acesso.

TABELA 7 - Dificuldades os entrevistados percebem ter com a visita

DIFICULDADE	IRATI	PRUDENTÓPOLIS	RIO AZUL
Infraestrutura	24	22	19
Acesso	26	43	17
Sinalização	23	20	10
Segurança	-	1	3
Som alto/comportamento inadequado de jovens	-	-	3
Falta de Limpeza	2	-	1
Distância	-	-	1
Divulgação	3	2	1
Falta de transporte público	-	-	1
Falta de mapa turístico	-	1	-
Outras	2	7	-
Nenhuma	-	2	1

Fonte: a autora

Os entrevistados também responderam sobre o que pode ser feito para que as cachoeiras tenham mais condições de utilização, ou seja, que possam receber mais turistas de forma que supram as necessidades mínimas dos visitantes. A maioria dos entrevistados reclamou das condições de acesso até as cachoeiras.

Os munícipes de Rio Azul citaram outras sugestões como: ter mais visibilidade, melhorar a escadaria que dá acesso à parte inferior da cachoeira no Parque da Pedreira, proibir o uso de som no local, ter mais lazer, ter fiscalização, fazer uma reforma no local, autorização dos proprietários e uma pessoa disse que a cada pouco tem reforma. Os de Prudentópolis citaram: construção de um aeroporto, de mais hotéis, organização, ter escadarias com cordas e ter um Secretário de Turismo capacitado. Um

entrevistado mencionou que as cachoeiras estão em boas condições de utilização. A opinião dos moradores para melhorar as condições de utilização das cachoeiras apresenta-se na tabela 8.

Em Irati, opiniões diversas geraram sugestões, além das que constam na tabela 8, como: a necessidade de ter mais pessoas no local; de serem estabelecidos horários de visitação; de ter uma ampliação nos espaços de lazer; de se tornar público; de ter água imprópria para banho; de ver com o dono o que ele quer ou acha que deveria ser feito. Uma opinião que chama a atenção é a que cita a criação de rotas, mapas, divulgação de fotos e vídeos, bem como as atividades que podem ser realizadas próximo às cachoeiras e, ainda, menciona a internet como uma ferramenta de amplo acesso e que pode propiciar informações de forma fácil a quase todos.

TABELA 8 - O que pode ser feito para melhorar as condições de utilização

SUGESTÃO	IRATI	PRUDENTÓPOLIS	RIO AZUL
Melhorar acesso	17	28	8
Segurança	3	1	5
Divulgação	15	6	5
Mais banheiro	5	1	4
Transporte público	-	2	3
Sinalização	11	6	3
Infraestrutura	10	6	3
Mais eventos	-	1	3
Restaurante/quiosque/lanchonete/sorveteria/churrasqueira	14	8	2
Guias	-	4	-
Conscientização da população/preservação ambiental	5	2	-
Limpeza	10	3	-
Estacionamento	-	1	-
Iniciativa da prefeitura	-	6	1
Mais investimentos	2	2	2
Agências que organizem viagens até as cachoeiras	-	2	-
Roteiros nas escolas	-	-	1
Tratamento de esgoto	-	-	2
Abrir trilhas	-	-	2
Investimentos em esportes de aventura e ecoturismo, com presença de monitores	2	-	1
Salva-vidas	-	-	1
Iluminação	1	-	-
Bancos/praca	8	-	-
Outras	-	6	9
Nada/nenhuma sugestão	-	1	1

Fonte: a autora

Por fim, foram questionados se acreditam que o turismo que envolve as

cachoeiras ajuda a desenvolver o município, se contribui de alguma forma para que o município cresça. Um detalhe que chama a atenção na tabela 9 é o fato de 97% dos entrevistados de Prudentópolis acreditarem que o turismo que envolve as cachoeiras ajuda no desenvolvimento do município, correspondendo a 60 das 62 pessoas que participaram da pesquisa. Em Irati e Rio Azul, o número de pessoas que respondeu afirmativamente foi de 55 e 54, respectivamente.

TABELA 9 – Quem acredita que o turismo em cachoeiras auxilia no desenvolvimento do município

	IRATI	PRUDENTÓPOLIS	RIO AZUL
Acredita que ajuda desenvolver	55	60	54
Não acredita que ajuda a desenvolver	7	-	1
Branco	1	2	1

Fonte: a autora

Em seguida, puderam expressar suas opiniões de como esse desenvolvimento acontece, conforme pode ser visto na tabela 10. De modo geral, a população entrevistada cita que o maior número de turistas proporciona mais renda ao município, contribuindo para seu desenvolvimento.

TABELA 10 - De que maneira o turismo que envolve as cachoeiras ajuda a desenvolver o município

OPINIÃO	IRATI	PRUDENTÓPOLIS	RIO AZUL
Mais turistas	19	22	34
Pessoas que gastam na cidade	-	-	9
Festas	-	-	7
Divulgação do município/das cachoeiras	7	3	5
Investimentos/infraestrutura	5	4	3
Desenvolve o local/mais renda	19	28	4
Roteiro nas escolas/atividades de ecoturismo	1	-	1
Arrecadação de impostos	-	-	1
Transportando a população	1	1	1
Desde que não tenha poluição/sem lixo/preservação	3	2	1
O próprio turismo/aumento	3	5	1
Mais empresas	-	-	1
Mais empregos	5	5	-
Autoconhecimento	-	1	1
Relacionado à cultura	1	-	1
Desenvolver projeto	2	-	1
Parceria entre município, população e órgãos de turismo	1	-	1
Refeição e hospedagem	2	4	1
Mais recursos	-	1	-
Iniciativa da prefeitura	4	3	-
Mais lazer para as pessoas	3	-	-
Melhorias no acesso	1	-	-
Não soube responder	-	1	-
Acha que não é bem explorado	-	1	-

Só traz despesas	1	-	-
Visitas técnicas	1	-	-

Fonte: a autora

De modo geral é nítido que, nos três municípios pesquisados, existe a necessidade de mais investimentos em acesso, infraestrutura nos recursos naturais para que se tornem mais atraentes e mais acessíveis para o visitante e para a população, investimentos até mesmo em divulgação, pois se percebe que o marketing desses recursos e dos próprios municípios é precário, em quase todos, nem existindo.

8.2 ANÁLISE DA VIABILIDADE TÉCNICA DE IMPLANTAÇÃO DA “ROTA”

As cachoeiras mais mencionadas pelas amostras pesquisadas, e que seriam inclusas na rota pretendida, são: em Irati, a Cachoeira do Fillus; em Prudentópolis o Salto São João e o Salto São Francisco e; em Rio Azul o Parque Municipal Ambiental Salto da Pedreira.

Analisando separadamente cada uma delas, é possível perceber que a Cachoeira do Fillus, sem visitação turística há vários anos, embora esteja a cerca de 800 m do centro da cidade não apresenta nenhuma sinalização que indique sua localização. Também não tem infraestrutura no local, apenas uma antiga passarela em más condições que dá acesso à base da cachoeira. Quanto ao acesso, o curto percurso de 50 m entre a Rua Quinze de Novembro e a cachoeira encontra-se em abandono, com a vegetação abundante e que dificulta o tráfego de pessoas. Também, tem uma pequena trilha que dá acesso à parte superior da cachoeira, porém, não é sinalizada por nenhum meio visual sendo que só quem conhece sabe por onde ter acesso à ela.

Ainda, a existência de uma indústria de reciclagem de papel exala certo odor em determinadas horas do dia, prejudicando a visitação e a falta de segurança nos arredores da cachoeira também influencia na ausência de atividade turística no local, sendo que alguns indivíduos praticam atos ilícitos nas dependências do recurso natural. Esses motivos fazem com que a Cachoeira do Fillus não seja inclusa na Rota pretendida, abrindo a opção de incluir a Cachoeira do Itapará.

A Cachoeira do Itapara esta localizada na comunidade de mesmo nome, a 50 km do centro da cidade de Irati e tem aproximadamente 10 m de altura, sendo banhada pelo Rio dos Patos. Alem da vista frontal ser relativamente bonita, e possıvel ficar sob queda d'agua, em uma especie de laje formada pela rocha da cachoeira, como pode ser visto nas figuras 4 e 5.



FIGURA 4 - Cachoeira do Itapara (1)
Fonte: acervo pessoal

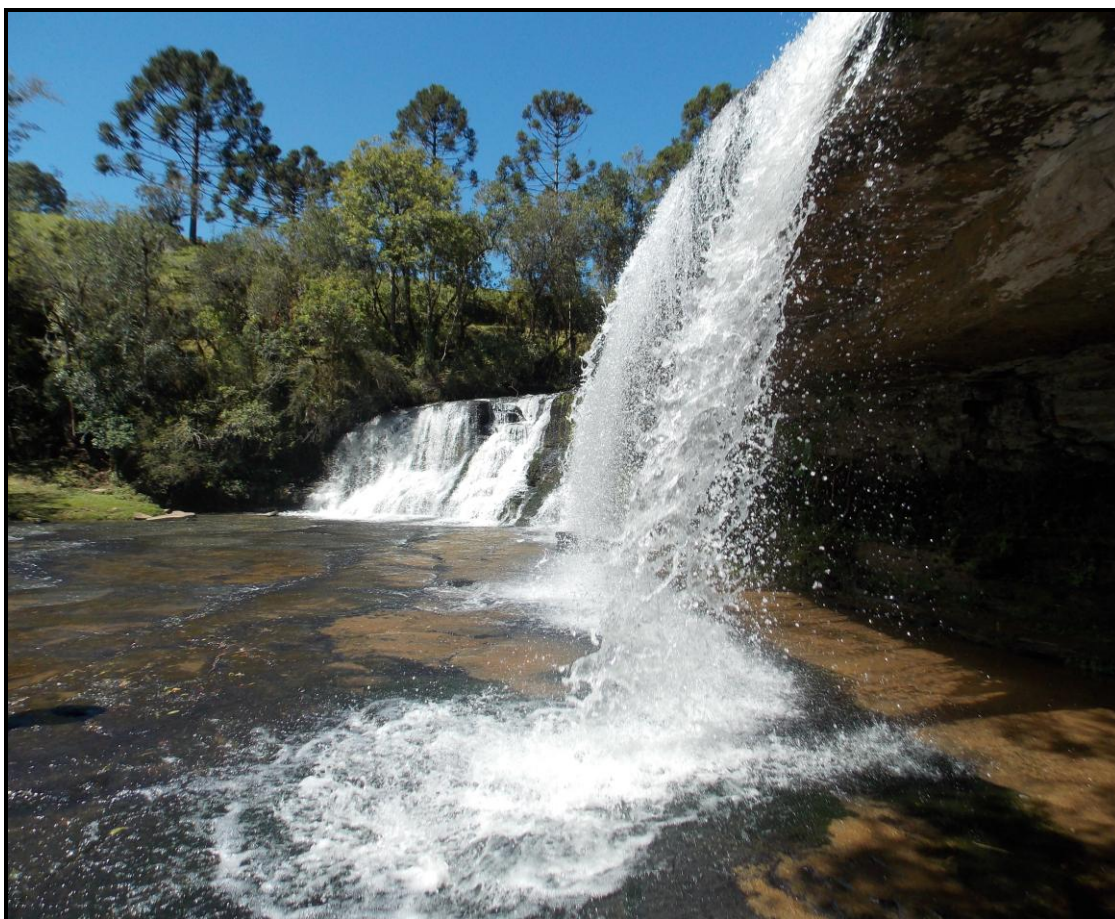


FIGURA 5– Cachoeira do Itapará (2)

Fonte: acervo pessoal

Para chegar até ela, são cerca de 15 km de asfalto até o distrito de Gonçalves Júnior e os próximos 35 km são de estrada de chão, chegando até a propriedade particular aonde se encontra a cachoeira. Na época da pesquisa as condições de acesso não eram boas, pois a estrada que deveria ser de asfalto se encontrava esburacada, dificultando o tráfego e a viagem. A estrada de chão estava em condições não tão precárias e, mesmo não sendo coberta com um cascalho de composição ideal, era larga e possibilitava a passagem de dois carros lado a lado, sem maiores complicações, conforme se pode visualizar nas figuras 6 e 7.



FIGURA 6 – Acesso de asfalto
Fonte: a autora



FIGURA 7 – Acesso de estrada de chão
Fonte: a autora

Outro caminho que pode ser utilizado, porém tornando o percurso mais longo, é saindo de Irati em direção a Guarapuava, pela BR 277, cerca de 37 km de rodovia pedagiada em ótimo estado de conservação, até chegar na comunidade de Ponte Alta. Entrando pela esquerda deve seguir por mais 28 km, chegando até a Cachoeira do Itapará, em condições semelhantes a outra estrada de chão citada anteriormente. O acesso para pessoas com necessidades especiais é inexistente, pois a condição em toda a proximidade da cachoeira é de grama, ladeiras, trilhas com obstáculos (raízes, pedras e ondulações) que impossibilitam a passagem.

A infraestrutura encontrada no local é extremamente precária, sendo dois banheiros de madeira antigos e em péssimo estado, um pequeno espaço coberto onde se pode deixar um ou dois carros e uma lixeira grande de lata, também em mau estado. Toda essa situação descrita é exposta nas figuras 8, 9 10 e 11, a seguir:



FIGURA 8 – Sanitários
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 9 – Sanitário feminino
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 10 – Lixeira
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 11– Estrutura coberta
Fonte: acervo pessoal

A única sinalização encontrada foi no centro de Irati, com uma placa turística próxima ao Corpo de Bombeiros e outra próxima ao Parque Aquático, na saída para Inácio Martins, conforme a figura 12, que indica a localização da comunidade e não da cachoeira. Seria importante ter mais sinalização ao longo do percurso, pois como é longo, é difícil de encontrar, sendo necessário pedir informação aos moradores, já que são diversas estradas que surgem e confundem o caminho.



FIGURA 12 – Sinalização turística
Fonte: acervo pessoal

Utilizando o método de avaliação do atrativo mencionado na metodologia, foram questionadas três pessoas com conhecimentos sobre a cachoeira, aonde puderam avaliar o recurso em questão nos quesitos: acesso, transporte, equipamentos e serviços. Ainda, utilizando os itens relevantes que compõe o valor intrínseco⁴, é possível chegar ao índice do atrativo e, conseqüentemente, definir sua hierarquia.

A Cachoeira do Itapará, de acordo com a pesquisa levantada, se enquadra na Hierarquia I, sendo caracterizada como um recurso complementar a outro de maior interesse, capaz de estimular correntes turísticas locais, tendo a pontuação de 1, 7.

De acordo com a análise feita, é possível incluir a Cachoeira de Itapará na rota pretendida, pois mesmo não tendo boas condições de infraestrutura, é um recurso natural de beleza considerável e que atualmente possui certa visitação regular, principalmente de moradores locais e de municípios próximos, de acordo com comentários feitos durante a aplicação dos questionários.

Em Prudentópolis, o Salto São Francisco e o Salto São João foram os recursos mais mencionados pela população entrevistada, porém a sugestão é que o primeiro seja incluso na rota, considerando: ser o Salto mais alto da região sul do país, com 196m e possuir infraestrutura básica de apoio ao visitante, com lanchonete, sanitários, estacionamento e área para descanso, próximos ao portal de acesso.

O Salto São Francisco, na figura 13, apresenta características singulares e que tem atraído visitantes de vários estados brasileiros, como consta no livro de registro de presenças desse ano, dos estados de: Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e Mato Grosso do Sul, além de uma maioria absoluta de paranaenses e um registro constando a presença de um austríaco, em 23 de janeiro de 2013.

Este Salto fica dentro da área de preservação ambiental da Serra da Esperança. Sua localização é motivo de contestação entre três municípios, que disputam o território onde ele se encontra: Prudentópolis, Guarapuava e Turvo. Na região que pertence a Guarapuava, foi criado recentemente pela prefeitura o Parque Municipal São Francisco da Esperança, com trilhas para caminhada e vista panorâmica do salto.

⁴ De acordo com o anexo da SETU, em material citado na metodologia, foi possível classificar as cachoeiras estudadas na Categoria Hidrografia e no Tipo Quedas d'água. Sendo assim, são avaliadas: morfologia (forma /altura); locais e caminhos com interesse para visitação; características das paisagens circundantes; qualidade da água (cor, temperatura, transparência); nível de poluição; possibilidade de banho (duchas naturais); volume d'água; e singularidade.

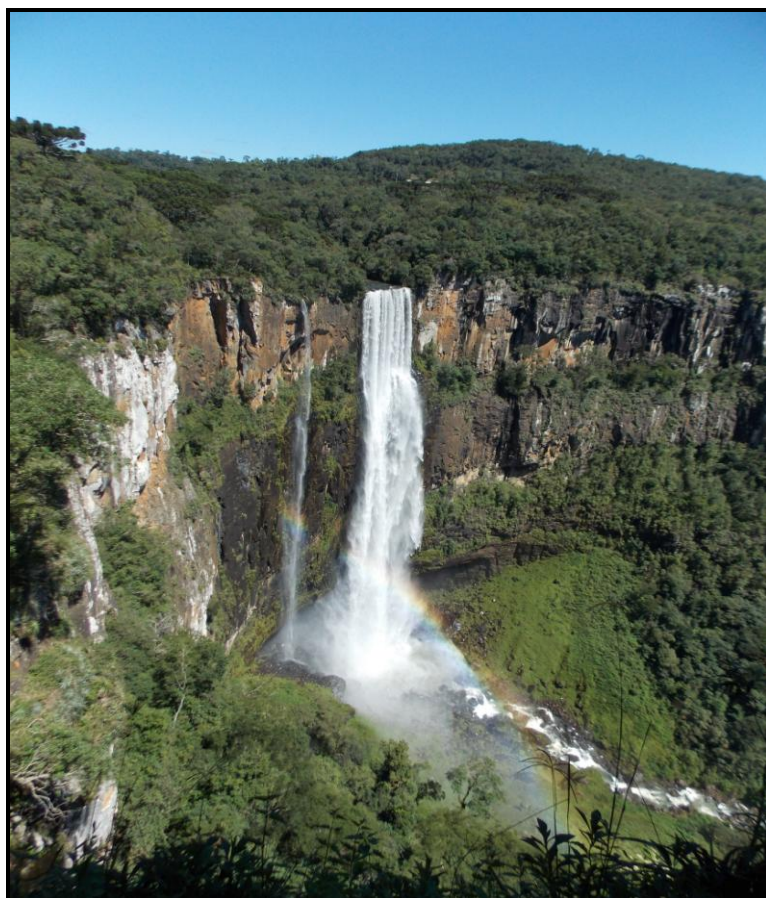


FIGURA 13 – Salto São Francisco (1)
Fonte: acervo pessoal

O acesso, visualizado nas figuras 14, 15 e 16, abaixo, de 50 km até o Salto é feito com 14 km em asfalto em boas condições de tráfego e, finaliza com 36 km em chão batido, em partes com uma largura maior, em boas condições e outra parte apresentando uma estrada mais estreita, dificultando o trânsito caso ocorra uma passagem simultânea de dois carros.

As pessoas portadoras de necessidades especiais encontram grandes dificuldades na visitação a esse recurso, pois para chegar próximo ao Salto é necessário descer uma trilha longa, e mesmo no mirante, que é mais próximo à entrada do parque, é necessário percorrer outra trilha que cadeiras de rodas ou alguém com dificuldade de locomoção não conseguiria fazer.



FIGURA 14 – Acesso (1)
Fonte: acervo pessoal

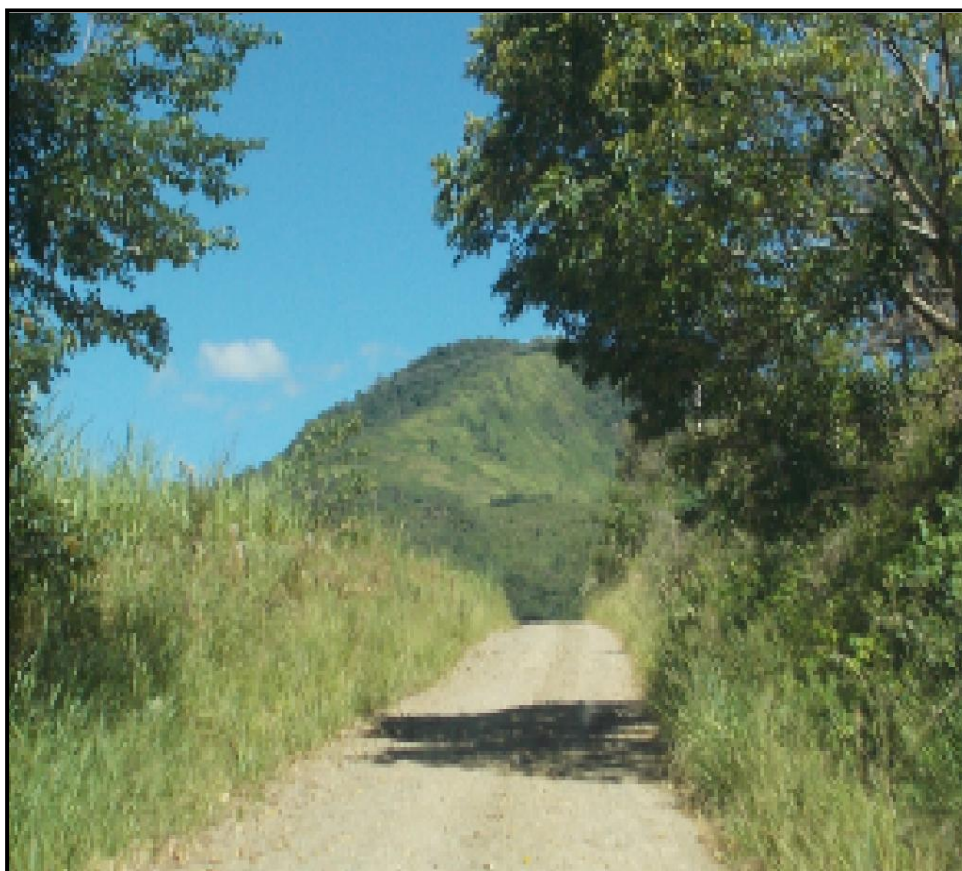


FIGURA 15- Acesso (2)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 16 – Acesso (3)
Fonte: acervo pessoal

Em relação à infraestrutura existem os equipamentos e serviços básicos localizados logo na entrada do parque a que o Salto pertence. Há uma pequena lanchonete que também serve almoço, lanches e bebidas, com uma área interna que comporta cerca de 30 pessoas, além de uma área externa coberta com mesas, cadeiras e lixeira e outra com mesas e bancos fixos, conforme as figuras 17 e 18.



FIGURA 17 – Lanchonete
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 18 – Espaço de descanso
Fonte: acervo pessoal

Junto à lanchonete, as instalações sanitárias, embora sejam simples, se encontravam em bom estado de higiene e conservação, oferecendo itens coletivos como: espelho, papel toalha, sabonete líquido e local para lavar as mãos, como pode ser visualizado nas figuras 19 e 20, abaixo.



FIGURA 19 – Sanitários (1)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 20 – Sanitários (2)
Fonte: acervo pessoal

É possível encontrar uma pequena capela, que atualmente está em condição de abandono, e um espaço para recreação infantil com alguns brinquedos de madeira e em bom estado de conservação, próximo à entrada da trilha e ao lado do estacionamento, que por sua vez é de pedra brita e tem o seu entorno limpo, com a grama cortada, como pode ser visualizado nas figuras 21 e 22, abaixo.



FIGURA 21 – Espaço infantil
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 22 – Estacionamento
Fonte: acervo pessoal

A sinalização é vista em vários pontos do percurso até o parque, porém, não se encontram em bom estado de conservação, embora estejam em locais visíveis, a maioria está pichada ou com as cores e as letras em tons tão fracos que fica difícil ler o que está escrito, como nas figuras, 23, 24 e 25, a seguir. No entanto, vale ressaltar que a quantidade de placas ao longo do caminho torna mais fácil a chegada até a cachoeira, visto que a distância é longa e que há várias estradas secundárias que confundiriam o caminho, caso não houvessem as placas.



FIGURA 23 – Sinalização (1)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 24 – Sinalização (2)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 25 – Sinalização (3)
Fonte: acervo pessoal

Além da sinalização ao longo da estrada, dentro do parque é vasta, começando com a que indica a direção do Salto (figura 26), seguida de outras inúmeras de cunho informativo, como a placa que se encontra junto ao portal de entrada e que consta o horário de funcionamento, como mostra a figura 27 e a outra trazendo a informação da área total do parque e qual o tipo de floresta que o compõe, como na figura 28.



FIGURA 26 – Sinalização (4)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 27 – Sinalização no portal (1)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 28 – Sinalização no portal (2)
Fonte: acervo pessoal

Ainda, são vistas placas na trilha até a cachoeira e próximas a parte superior dela com informações a respeito da fauna e flora locais, bem como mostrando a tríplice fronteira que cerca o Salto, como mostram as figuras 29, 30 e 31. A maioria dessas placas, embora fisicamente bem conservadas, se encontram sujas e com sinais de vandalismo, como pode ser visualizada nas figuras.



FIGURA 29 – Sinalização na trilha (1)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 30 – Sinalização na trilha (2)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 31 - Sinalização no final da trilha
Fonte: acervo pessoal

A avaliação do atrativo, de acordo com os métodos da SETU, inclui essa Cachoeira na Hierarquia II, pois ela possui algum interesse, é capaz de estimular correntes turísticas regionais e locais, atual ou potencial, e de interessar visitantes nacionais e internacionais que tiverem chegado por outras motivações turísticas. O

Salto São Francisco obteve pontuação 2,3.

Em Rio Azul, o Parque Ambiental Municipal Salto da Pedreira, popularmente conhecido como Pedreira, está localizado a 8 km do centro do município, foi a cachoeira mais citada pelos entrevistados e é um ponto de encontro da comunidade local, sendo mais frequentada durante os finais de semana, reunindo um público composto majoritariamente por jovens.

De acordo com os dados do Inventário Turístico de Rio Azul (2009), é uma área de domínio público, administrada pela Prefeitura Municipal e além da cachoeira podem ser visitados outros pontos dentro da área do Parque, como: a piscina natural, que deriva da exploração de rochas, para uso na construção da PR 153, e que depois de passar por adaptações se transformou em um local para banho; a Gruta de Nossa Senhora Aparecida; o Mirante para o Salto da Pedreira e o Restaurante do Produtor. As figuras 32 e 33 mostram a vista frontal e a que pode ser visualizada do mirante.

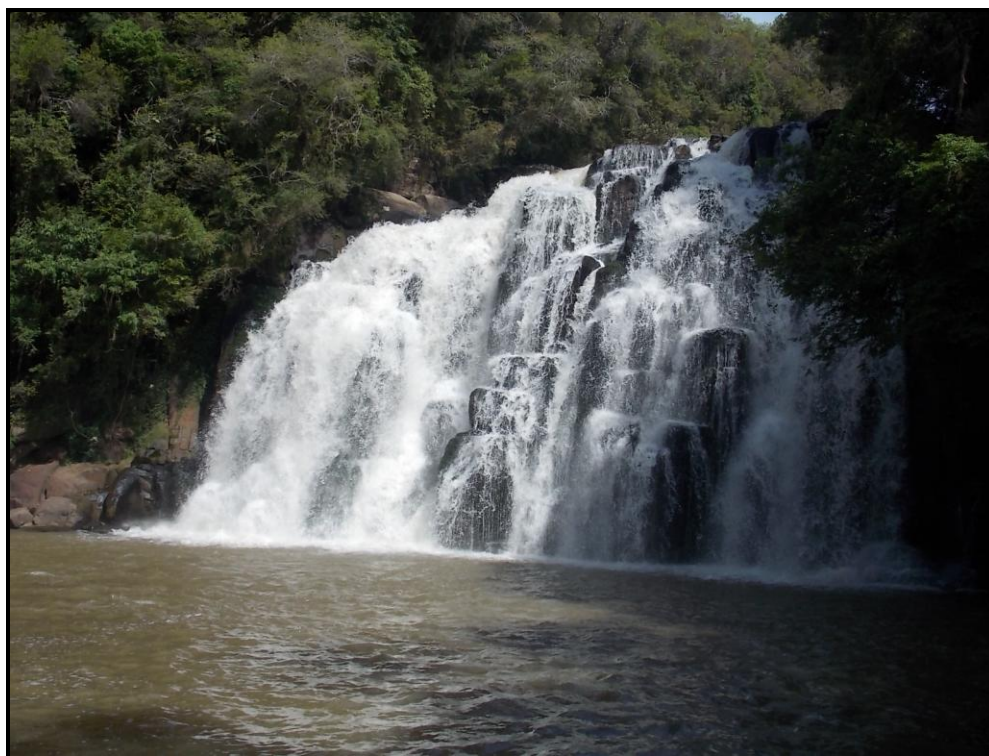


FIGURA 32 – Cachoeira do Parque da Pedreira
Fonte: acervo pessoal

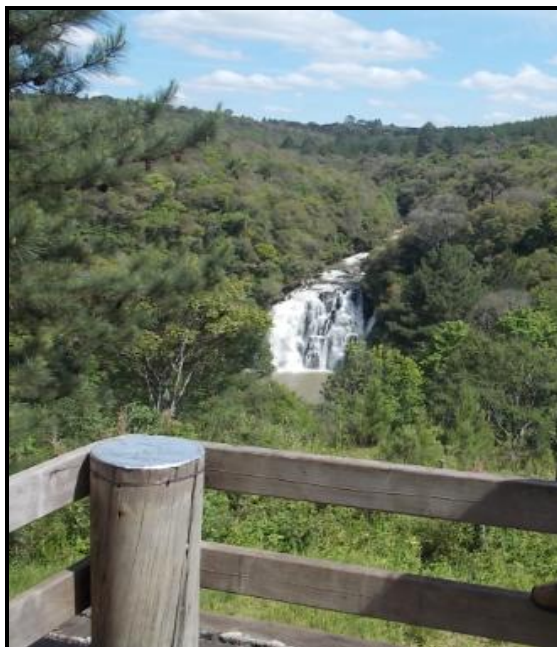


FIGURA 33 – Vista do mirante
Fonte: acervo pessoal

Analisando o acesso até o Parque, partindo do centro de Rio Azul, na época da pesquisa era possível notar algumas irregularidades no asfalto, mas nada que impossibilitasse no tráfego e, conseqüentemente, na visitação. São cerca de 8 km pela estrada principal, a BR 153, que d  acesso ao município de Irati (figura 34) e mais 300 metros entre o portal de entrada e a cachoeira (figura 35), sendo uma rua de paralelepípedos, em bom estado de conserva o e com o entorno também conservado.



FIGURA 34 – Acesso na BR 153
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 35 – Acesso dentro do Parque

Fonte: acervo pessoal

Dentro do Parque, é possível chegar até o mirante atravessando a área de lazer com diversos quiosques, sanitários e o parque infantil. Embora bem conservado, o mirante apresenta certa dificuldade para o trânsito de cadeirantes, pois conforme a figura 36, existem alguns degraus e a rampa que seria para uma cadeira de rodas é muito íngreme, dificultando a descida. Já o acesso até a cachoeira é feito por escadas de degraus irregulares (figura 37) de tamanhos variados, impossibilitando o acesso para pessoas com necessidades especiais de locomoção até próximo à cachoeira.

Para chegar até as proximidades da cachoeira existem duas opções: uma delas leva até a frente da queda d'água e para chegar é necessário descer uma escadaria que intercala degraus de tamanhos diversos com uma trilha de pedras regulares. O outro caminho é a trilha ecológica, bem identificada, com largura suficiente para se transitar, porém ela termina com uma pequena escada que leva até a parte superior da cachoeira, como pode ser visualizado nas figuras 38 e 39.



FIGURA 36 – Acesso no mirante
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 37 – Escadas até a cachoeira
Fonte: acervo pessoal

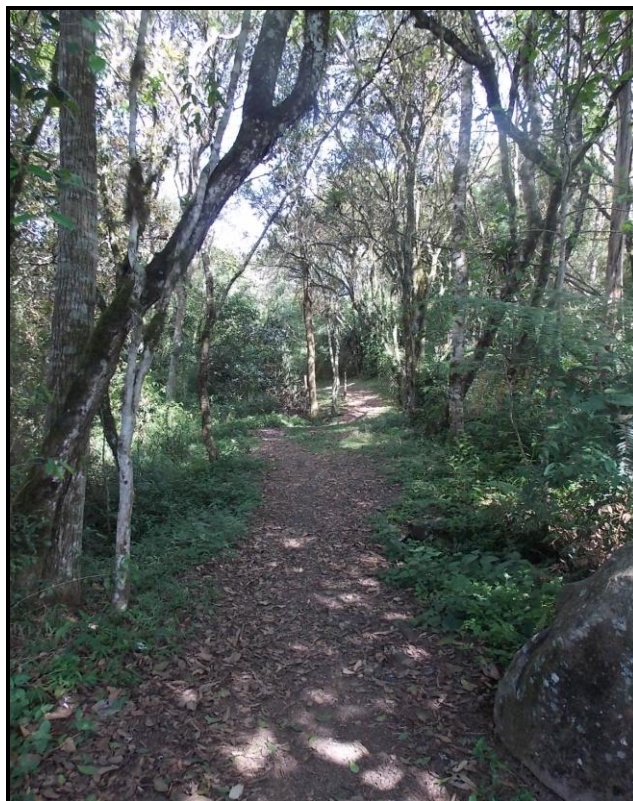


FIGURA 38 – Trilha ecológica
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 39 – Acesso à parte superior da cachoeira
Fonte: acervo pessoal

Em relação à infraestrutura, o Parque da Pedreira conta com 14 quiosques, parque de diversão para as crianças, como figuras 40, 41, 42 e 43, contendo diversos brinquedos e que estão bem conservados e uma lanchonete depredada, suja e atende o visitante apenas durante a realização da *Fest in Rio*, o maior evento do município, que ocorre no mês de fevereiro.



FIGURA 40 – Restaurante
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 41 – Parque infantil
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 42 – Quiosque (1)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 43 – Quiosque (2)
Fonte: acervo pessoal

No que diz respeito às instalações sanitárias, existem dois locais que esse elemento está presente. O que apresenta melhores condições higiênicas está localizado distante da cachoeira, próximo ao mirante e ao parque infantil, como pode ser visto nas figuras 46 e 47. Mesmo com um pouco de lixo no chão, esse sanitário se diferencia do outro, nos fundos da lanchonete, pela ausência de forte odor, de barro no chão e de itens de higiene pessoal espalhados pelo chão, como é visualizado nas figuras 44 e 45.



FIGURA 44 – Sanitários do restaurante (1)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 45 – Sanitários do restaurante (2)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 46 – Sanitários do parque (1)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 47 – Sanitários do parque (2)
Fonte: acervo pessoal

Referente à sinalização turística que indica a localização do Parque da Pedreira, não foi constatada nenhuma placa no centro da cidade ou arredores, apenas no portal de

acesso até a cachoeira, em bom estado de conservação e com boa visibilidade nos dois sentidos da rodovia, conforme figuras 48 e 49. É possível encontrar outras placas indicando a existência da trilha ecológica e uma de boas vindas logo após o portal de entrada, porém com as letras desgastadas, sendo difícil de ler o que ela contém, como mostra a figura 50 e 51.



FIGURA 48 – Portal de entrada
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 49 – Sinalização no portal
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 50 – Sinalização (1)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 51 – Sinalização (2)
Fonte: acervo pessoal

A avaliação do atrativo qualificou a Cachoeira do Parque da Pedreira como integrante da Hierarquia II, caracterizada como possuidora de algum interesse, capaz de estimular correntes turísticas regionais e locais, atual e potencial, e de interessar visitantes nacionais e internacionais que tiverem chegado por outras motivações turísticas. Esse Salto obteve a pontuação de 2,1.

É possível concluir que Cachoeira do Itapará é considerada apenas um recurso turístico e, como diz Dias (2005), para que ocorra a transformação de recurso para atrativo é preciso que ele seja trabalhado, que seja de fácil acesso, com equipamentos e instalações que possam ser utilizadas e ainda, deve apresentar as informações necessárias para que haja um aproveitamento integral pelo turista.

Essa conclusão sobre a classificação das cachoeiras estudadas se embasa também no conceito de Braga (2007), que diz, o recurso turístico tem o potencial para se tornar atrativo, sendo do conhecimento e usufruto de uma pequena parcela da população local e, sem condições de visitação e exploração, no caso da cachoeira do Itapará, que não possui a infraestrutura necessária para atender o turista.

O Salto São Francisco e a cachoeira da Pedreira são considerados atrativos turísticos, pois na visão de Braga (2007), quando são abertas trilhas e a área for preparada para a visitação pública o recurso se tornará um atrativo turístico.

Embora a região tenha inúmeros recursos naturais com acessos, formas, tamanhos e belezas variadas, ainda é necessário muito trabalho na parte turística para que eles se desenvolvam e se tornem atrativos com toda a infraestrutura que necessitam, dando um pequeno auxílio na economia regional.

Ainda tem-se o problema com a falta de infraestrutura nos recursos naturais e esse é um fator fundamental para o bom funcionamento da prática turística, pois é com ela que o visitante tem suas necessidades básicas atendidas e assim, o passeio se tornará mais agradável, (SETU, 2013).

Através da avaliação dos atrativos e, nesse caso, dos recursos naturais de dois municípios, é visível que eles são capazes de atrair em sua grande maioria, a comunidade local e o turismo regional, como já vem ocorrendo nas três cachoeiras. A seguir, para melhor visualização da situação geral, e como forma de comparação entre as três, tem-se um quadro com as hierarquias dadas para cada uma.

QUADRO 12 – Hierarquias dos recursos naturais pesquisados

RECURSO	HIERARQUIA	PONTUAÇÃO
Cachoeira do Itapará - Irati	I	1,7
Salto São Francisco - Prudentópolis	II	2,3
Cachoeira da Pedreira – Rio Azul	II	2,1

Fonte: a autora

O item transporte que consta na avaliação do atrativo, é um elemento inexistente nos três recursos naturais estudados. Não foi constatado nenhum transporte exclusivo até as cachoeiras, apenas em Rio Azul existe uma linha de ônibus intermunicipal que tem um ponto de parada no portal de entrada, sendo muito utilizado pelos residentes.

Diante do exposto e resgatando os objetivos inicialmente propostos nesse trabalho, conclui-se que será possível desenvolver um novo produto para os turistas e para a comunidade local, oferecendo uma nova opção de lazer, com a oportunidade de visitar mais que uma cachoeira e em três municípios diferentes, com suas peculiaridades e encantos próprios. A definição dos três recursos a serem visitados, juntamente com a análise da viabilidade técnica de ser implantada uma “Rota das Cachoeiras”, servirá de subsídio para que surjam roteiros a serem executados nesses locais, proporcionando lazer tanto para os residentes interessados como para os turistas. Ainda,  possível que essa Rota seja executada em parceria com alguma agência de viagens do município de Irati ou até mesmo com o Departamento de Turismo Municipal.

Para a economia local, embora não represente um montante significativo a nível municipal, a atividade turística causa diversas oportunidades tanto para os comerciantes como para a comunidade local, através de alojamento, alimentação, hospedagem, venda de artesanatos e *souvenirs*.

Por meio da “Rota das Cachoeiras”, poderá ser possível estimular o potencial turístico dos municípios envolvidos, principalmente no que se refere às belezas naturais e o uso dessa sinergia trará, embora em pequena escala, um acréscimo na economia local, na renda dos moradores, além de contribuir para a questão cultural do turismo, colaborando para o envolvimento dos visitantes com o residentes, trocando experiências e conhecimentos diversos.

A “Rota das Cachoeiras” proposta aqui terá cerca de 240 km, iniciando no

Parque da Pedreira em Rio Azul e fazendo a primeira parada na Cachoeira do Itapará. Nesse trecho são aproximadamente 75 km, sendo que o trajeto de Rio Azul até Irati é todo asfaltado e boa parte até a entrada para a Cachoeira do Itapará, na proximidade com o Faxinal dos Antnios também  de pavimentação, seguindo com estrada de chão até a Cachoeira. Nesse percurso será possível visualizar todo o entorno de verdes campos, de lavouras e de paisagens diversas, alternando entre relevos acidentados e outros mais planos.

Da Cachoeira do Itapará, a Rota seguir até o Salto São Francisco, com mais uns 28 km de estrada de chão até chegar na BR 277, na comunidade de Ponte Alta, seguindo até o município de Prudentópolis. Após isso, é necessário percorrer mais um longo trecho de estrada de chão com cerca de 50 km.

Para chegar até o Salto São Francisco, o visitante visualizar paisagens únicas, como os Saltos Gmeos, duas cachoeiras próximas uma da outra, que mesmo distantes do ponto de visão que se tem da estrada, apresentam beleza singular, riscando o verde da mata com suas quedas finas e compridas.

A figura 52 ilustra qual seria o trajeto que a “Rota das Cachoeiras” traaria. O traço vermelho indica e percurso a ser seguido, partindo da cachoeira da Pedreira indo até a cidade de Irati e posteriormente seguindo para o interior, para chegar na cachoeira do Itapará. Desse ponto, segue até o Salto São Francisco.

Os traços azuis indicam a hidrografia que banha os municípios, tanto com rios de pequeno porte como com riachos menores que vão acrescentando beleza e novas paisagens por onde passam, alegrando os olhos, principalmente daquele visitante que, em seu dia a dia, tem pouco contato com o meio natural.

As linhas verdes indicam a existência de rodovia, sendo que a Rota percorrer por um trecho de Irati no sentido de Incio Martins pela PR 364, até entrar em uma estrada rural à direita, seguindo até o Itapará. Ainda, d-se destaque a mais uma distância a ser percorrida na BR 277 até o trevo de acesso a Prudentópolis, sendo uma rodovia pedagiada.



FIGURA 52 – “Rota das Cachoeiras”
 Fonte: a autora

Essa rota se caracteriza como, baseada nas considerações de Bahl [2004a], como sendo do tipo interlocal intermunicipal regional periférico, pois envolve três municípios diferentes que oferecem suas possibilidades de lazer, que estão localizados na mesma região do estado e com as atrações fora do centro urbano, nesse caso, as principais são as cachoeiras.

Para a execução da rota, sugere-se que seja feita em dois dias, pois são longas distâncias e o visitante terá mais tempo para desfrutar dos passeios, praticar atividades ao ar livre e, tendo um pernoite, o movimento na economia local será maior, principalmente nos setores de hospedagem e alimentação.

Existem algumas sugestões de alimentação e hospedagem nos três municípios, tais como segue:

1 – IRATI – é possível hospedar-se em locais como Hotel Monte Libano, Hotel Colonial e Hotel Abib e tem bons locais para alimentação como a Lanchonete Italiano, Peixaria do Camilo e pizzaria Margherita.

2 – PRUDENTÓPOLIS – tem opções de alimentação como o Chalé Colonial Costenaro, Restaurante Pizzaria Dom Antonio e Restaurante Penteado. São encontrados hotéis como o Elite Palace Hotel, Ózera Hotel Fazenda e Hotel Lopes.

3 - RIO AZUL – pode-se fazer refeições na Churrascaria Catarinense, Panificadora e Restaurante Ki Paladar além de hospedar-se em locais como o Hotel Estrela e Pousada Villa Vitória.

Durante a estada ou passagem pelos municípios, o visitante poderá ainda, visitar outros locais com interesse turístico, como a imagem de Nossa Senhora das Graças em Irati e o Parque Aquático, além de desfrutar da gastronomia local, com pratos típicos herdados da culinária ucraniana e polonesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, buscaram-se meios de averiguar se a implantação de uma rota das cachoeiras entre os municípios de Irati, Prudentópolis e Rio Azul seria tecnicamente viável, se os elementos básicos de suporte à atividade turística existentes nos recursos naturais seriam suficientes, ou satisfatórios, para atender a demanda que a rota atrairia.

Para que isso fosse possível, foi preciso fazer uma pesquisa de campo, abordando a população para saber a opinião sobre o turismo em áreas naturais que ocorre em seus municípios. Esse contato direto possibilita sentir a verdadeira reação que a atividade turística provoca na comunidade, sendo que muitos se mostram indiferentes com a presença de pessoas estranhas enquanto outros se sentem incomodados, um tanto quanto envergonhados e se sentindo inferiores ao visitante.

De posse dos dados levantados em campo, foi necessário analisar os elementos básicos de cada cachoeira escolhida para a rota: o acesso, a infraestrutura e os equipamentos e serviços. De modo geral, o acesso que une os centros dos municípios e as cachoeiras precisa de mais cuidados, de manutenção frequente para que possa atender, não apenas o turista, mas também a comunidade local que tem esse serviço como um direito seu, afinal, paga seus impostos e elege os representantes.

As longas distâncias que devem ser percorridas são vistas por alguns como parte integrante e fundamental da viagem, afinal a emoção do deslocamento faz com que a aventura seja ainda maior e mais inesquecível. Porém, para outros, um percurso longo e com estradas em condições ruins torna tudo desagradável e influencia para que o indivíduo não tenha uma boa experiência e boas lembranças do seu passeio, levando consigo uma imagem ruim do destino visitado.

Na região estudada as condições das estradas no meio rural poderiam ser melhores e muitas delas não possuem uma camada de cascalho adequada, tornando difícil o tráfego, principalmente em dias chuvosos. Essa melhoria traria benefícios aos moradores locais, que utilizam as estradas diariamente na execução de suas jornadas de trabalho e aos visitantes, que trafegariam em estradas boas, o que pode ser considerado um fator que contribui para o bom andamento do passeio.

Outro fator que pesa muito e que está ausente nos recursos naturais estudados nesse trabalho é a infraestrutura. Mesmo para quem gosta de estar no meio natural e desfrutá-lo em suas formas mais puras, a existência de instalações sanitárias são indispensáveis, bem como a presença de um local onde o visitante ou o morador possam parar para descansar e fazer um lanche, repor suas energias e retomar o passeio.

A ausência de instalações sanitárias e de lixeiras nas proximidades das cachoeiras faz com que as necessidades fisiológicas sejam feitas no meio natural e que o lixo resultante da alimentação dos visitantes seja depositado nas trilhas, nos barrancos e nos arredores dos percursos, poluindo o meio natural e causando danos diversos para a fauna e a flora local.

No que diz respeito a sinalização turística que indica a localização dos recursos naturais, ainda é bastante falha pois, em se tratando de áreas rurais de extensas distâncias seria necessário mais placas indicativas e em outros locais dos percursos nos três municípios. Torna-se difícil para um morador chegar até a cachoeira, quiçá um visitante desinformado e sem nenhum ou mínimo conhecimento acerca do local e de que caminho deverá seguir até chegar à cachoeira.

Mas essas falhas não dizem respeito apenas à sinalização turística nos trajetos até os recursos. Seria interessante também a disponibilização de matérias impressos e eletrônicos, contendo mapas turísticos das cachoeiras, aliando os recursos naturais com outros elementos importantes da comunidade local e que sejam merecedores de visita, tais como atrativos culturais e religiosos.

A falta de conhecimento a respeito de recursos naturais é grande e com a pesquisa de campo foi possível perceber que muitas cachoeiras estão completamente esquecidas para a maioria da população. Isso significa que a comunidade em geral está deixando de conhecer e desfrutar de momentos de lazer junto às belezas naturais, a maioria sem taxa para visita, tendo como principal custo, o transporte.

A implantação de uma rota das cachoeiras é uma possibilidade de lazer para a comunidade local e para o visitante, abrangendo um público específico e com energia para realizar passeios que disponibilizam trilhas e de belas paisagens, não só no entorno das cachoeiras mas também nos trajetos até chegar nos destinos.

Diante da análise feita, conclui-se que a implantação de uma rota das cachoeiras que interligue os municípios de Irati, Prudentópolis e Rio Azul pode ser realizada, porém estando conscientes que há precariedade principalmente na infraestrutura básica dos recursos, com condições ruins de uso e até inexistência.

Entretanto, imagina-se que o público interessado nessa rota seja, por vezes em sua maioria, composto por pessoas que querem ter um contato maior com o meio natural, que querem estar na natureza sem ouvir sons altos, sem ter o conforto que um hotel ou um restaurante ofereça.

É preciso muito empenho do poder público municipal dos três municípios, dedicando tempo na execução de projetos que visem a instalação de infraestrutura básica para atender essa demanda já existente. A falta de condições para receber os visitantes é algo que dificulta a atividade turística ou até mesmo impossibilita, pois nem todas as pessoas irão se dispor a ir para uma cachoeira que não tem sequer condições mínimas para garantir que pequenas necessidades sejam atendidas.

REFERÊNCIAS

- BAHL, Miguel. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Protexto, 2004a.
- _____. **Legados étnicos e oferta turística**. Curitiba: Juruá, 2004b.
- BARRETTO, Margarita. **Planejamento responsável do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- _____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 12^a ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 8^o ed. – São Paulo: Editora Senac, 2003.
- BRAMBATTI, Luiz E. (org.). Roteiros de turismo e patrimônio histórico. Porto Alegre: EST, 2002. *In*: BERTOCO, Cristiane. **Roteiros turísticos no contexto da aglomeração urbana do nordeste/RS**. 2008. Trabalho do curso de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2008. Disponível em: <http://www.aune.rs.gov.br/downloads/turismo//Roteiros_Turisticos_AUNE-Cristiane_Bertoco.pdf>. Acesso em 05 de junho de 2013.
- BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.
- BOITEUX, Bayard do Couto; WERNER, Mauricio. **Planejamento e organização do turismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.
- BUTLER, R. W. "The Concept of a Tourist Area of Life Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources". *Canadian Geographer*, 1980. *In*: RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 5.ed. São Paulo: Papirus, 1997.
- BRAGA, Débora Cordeiro. **Planejamento turístico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil :**Módulo Operacional 7** - Roteirização Turística. Brasília, 2007.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Dados do turismo brasileiro** [S.l.]. 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Cartilha-Dados_Turismo-15x21-web.pdf>. Acesso em 04 de junho de 2013.
- CARVALHO, Antonio Luiz de. Transportes. *In* ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**, 2. 2.ed. São Paulo: editora SENAC, 2001.
- COSTA, Patrícia Côrtes. **Ecoturismo**. São Paulo: Aleph, 2002, p.32.
- DANCEY, Christine.P.; REIDY, Jhon. **Estatística sem matemática para psicologia**

usando SPSS para Windows. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

DE LA TORRE, Francisco. **Sistemas de transporte turístico.** São Paulo: Roca, 2002.

DEMCZUK, Paula Grechinski.; SANCHES, Pedro Henrique.; CARDOZO, Polina Fabíola. **O Turismo em Prudentópolis (PR):** Planejamento e Realidade. In: VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Universidade de Caxias do Sul, RS. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul, RS: 2012.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao Turismo.** São Paulo: Atlas, 2005.

_____. **Turismo sustentável e meio ambiente.** São Paulo: Atlas, 2003.

FERRETTI, Eliane Regina. **Turismo e meio ambiente:** uma abordagem integrada. São Paulo: Roca, 2002.

FOLHA DE IRATI. **Turismo Regional.** Maio, 2011. Disponível em: <<http://www.folhadeirati.com.br/noticias/noticia.asp?id=12254>>. Acesso em 24 de agosto de 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **IBGE cidades.** Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>>. Acesso em 16 de agosto de 2013.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES. **Cadernos municipais.** Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=30> . Acesso em 17 de agosto de 2013.

IRATI. Prefeitura Municipal de Irati. **Inventário Turístico,** 2012.

LE MOS, Leandro de. **Turismo:** que negócio é esse? Uma análise da economia do turismo. 3. ed. Campinas, SP: Papius, 2001.

MASINA, Renato. **Introdução ao estudo de turismo:** conceitos básicos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - MDA. Secretária de Desenvolvimento Territorial - SDT. Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais. **Produto 6:** Relatório contendo análise das articulações institucionais e políticas públicas realizadas em apoio ao desenvolvimento territorial e seus resultados. Junho de 2011.

NETO, Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira. Turismo e Impacto Ambiental. *In* BAHL, Miguel (org.). **Mercado turístico:** áreas de atuação. São Paulo: Roca, 2003. Cap.5.

PALHARES, Guilherme Lohmann. **Transportes turísticos.** São Paulo: Aleph, 2002.

PETROCCHI, Mario. **Turismo:** planejamento e gestão. 6ª ed. São Paulo: Futura, 1998.

PINTO, Paulo Augusto; MACHADO, Marcelo de Barros Tomé; FRATUCCI. Aginaldo Cesar. Turismo rural e sua relação com o ensino de ciências agrárias. *In* BAHL, Miguel (org.). **Mercado turístico:** áreas de atuação. São Paulo: Roca, 2003. Cap.4.

PRUDENTÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Prudentópolis. **Inventário da Oferta Turística de Prudentópolis,** 2012.

RIO AZUL. Prefeitura Municipal de Rio Azul. **Inventário da Oferta Turística Municipal**, 2009.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo no Brasil**: análises e tendências. Manole: São Paulo, 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO - SETU. **Orientação para gestão municipal de turismo**: guia prático para dirigentes públicos municipais de turismo. Curitiba: 2013.

_____. **Diretrizes para o turismo em áreas naturais no Paraná**. Curitiba, 2000. Disponível em: < <http://www.obsturpr.ufpr.br/artigos/diretrizesturismoareasnaturais.pdf>>. Acesso em 5 de mai de 2013.

SILVA, Glauécia Teixeira da; COSTA NOVO, Cristiane Barroncas Maciel. **Roteiro turístico**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas. [S.l.], 2010. Disponível em: <http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_rot_tur.pdf>. Acesso em 27 de agosto de 2013.

TAVARES, Adriana de Menezes. **City tour**. São Paulo: Aleph, 2002.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; CARVALHO, Luiz Carlos pereira de. **Introdução à economia do turismo**. São Paulo: Saraiva, 2006.

VELOSO, Marcelo Parreira. **Turismo**: simples e eficiente. São Paulo: Roca, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário aplicado em Irati, Prudentópolis e Rio Azul

Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO
Setor de Ciências Sociais Aplicadas – SESA
Departamento de Turismo – DETUR

Cidade: _____ Data do preenchimento: ____ de _____ de 2013.

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Idade: _____ anos
3. Estado marital: () com companheiro (a)
() sem companheiro (a)
4. Tempo de residência no município: _____
5. Você conhece alguma cachoeira no seu município?
() Não
() Sim. Quais? _____
6. Você costuma visitar essas cachoeiras? Com que frequência?

7. Que dificuldades que você percebe ter em relação à visitação a estas cachoeiras?
() Acesso - estradas
() Sinalização - placas
() Infraestrutura – sanitários, alimentação.
() Outros _____
8. O que pode ser feito para ter mais condições de utilização das cachoeiras?

9. Você acredita que o turismo envolvendo as cachoeiras pode desenvolver seu município?
() Não
() Sim. De que forma _____